



BRASIL AGORA



ANO I Nº 6

DEZEMBRO DE 1991 2ª QUINZENA

CR\$ 1.000,00

ESPECIAL



6
Bush sobe
e despenha

7
Collor luta
e sobrevive

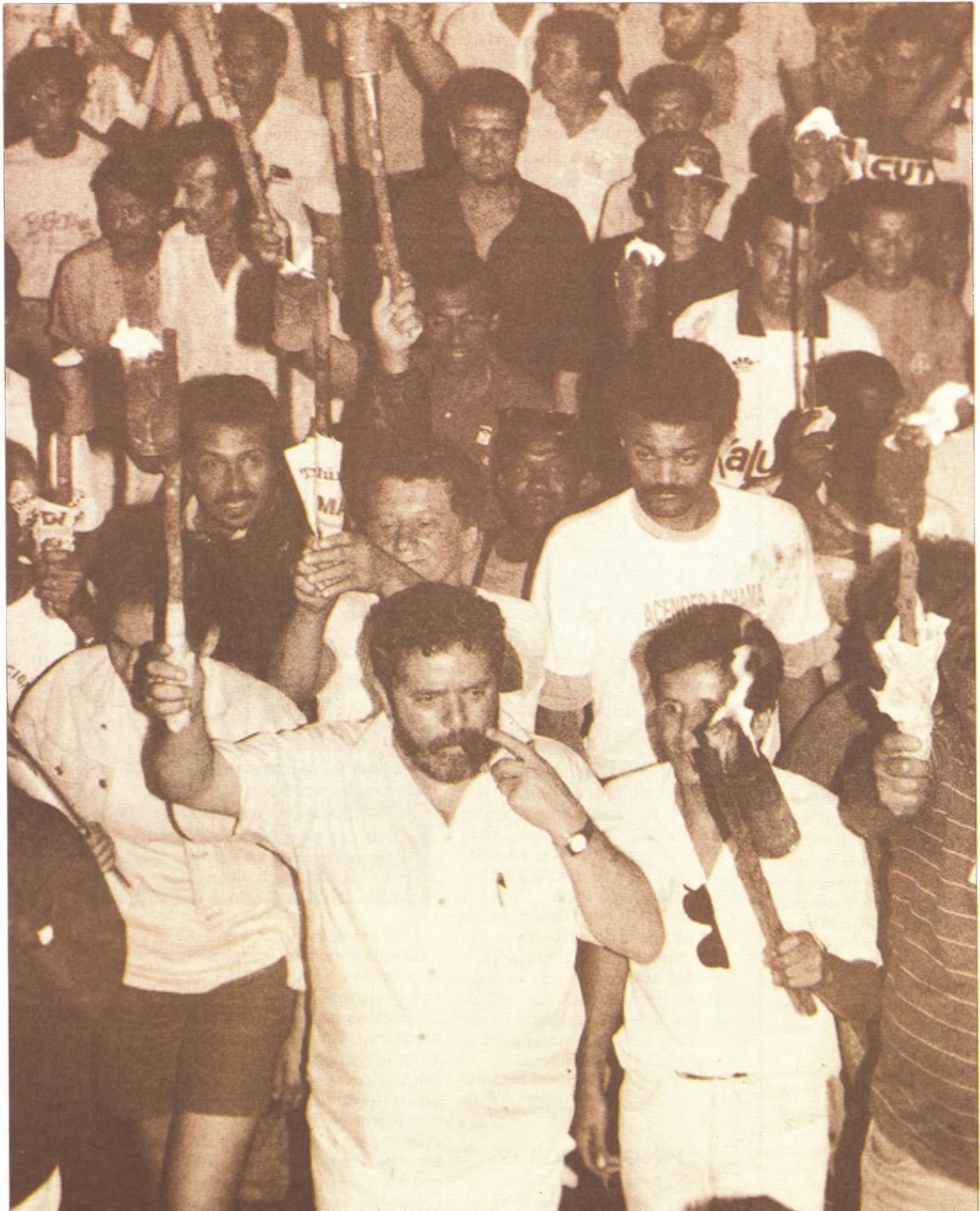
8
Prezado
Sr. Camdessus

9
Ricos e
xenófobos

10
A vida andou
para trás

11
A história
continua

12
O pedido de
patente
sobre a vida



A VIGÍLIA DA ESPERANÇA

Sátira mordaz aos poderosos da época, a *Histoire de Gil Blas de Santillane*, do francês Alain René Lesage, foi publicada entre 1715 e 1735, em quatro volumes. Em pouco tempo tornou-se um dos livros mais populares da Europa, obtendo grande divulgação também no Brasil. O "Dr. Sangrado" é uma das personagens da farsa: médico famoso de uma cidade espanhola, toma Gil Blas como aprendiz, transmitindo-lhe a técnica de sua única e universal terapêutica - a sangria - capaz de curar qualquer doença, desde que acompanhada de pouca alimentação e da ingestão de grandes quantidades de água morna. A reputação do "Dr. Sangrado" vinha do aspecto imponente, da eloquência, do fato de que ninguém entendia o que dizia, e da evidência de que alguns de seus clientes sobreviviam ao tratamento.

Aproximando-se do ano 2000, o Brasil está cheio de doutores Sangrado. É só ter olhos e ver: embora varie na forma, também é única, brutal e sem anestesia, a terapêutica implementada pelos conservadores há mais de dez anos.

Da recessão, dizem, vem a cura para os males de um país pobre; da concentração de renda resultarão melhorias numa nação marcadamente desigual; com novos empréstimos externos, sairemos do labirinto da dívida; se os custos financeiros vão às alturas, as empresas passarão a vender mais barato.

Não é preciso ser um grande teórico para entender que modernidade alguma se alcança destruindo a base produtiva que já se conquistou e que é a única disponível. Caminha para trás um país que transforma seus engenheiros em vendedores de sanduíches, seus agricultores em pârias, seus ferramenteiros em camelôs, seus professores em desesperados. Existe um caminho aberto a uma economia razoavelmente estruturada, cheia de capacidade ociosa, que se disponha a explorar um mercado potencial de 170 milhões de pessoas. É impossível redimir o Brasil, enquanto permanecerem no poder grupos econômicos que enviam, por ano, algo como 12 bilhões de dólares para contas no exterior.

Só poderemos escapar das garras da política conservadora se, evitando de um lado, discussões abstratas e, de outro, discussões pragmáticas, formos capazes de responder a uma pergunta quase óbvia: quais são as nossas boas idéias, simples, poucas, mas abrangentes e verdadeiramente nacionais, capazes de organizar uma outra forma de pensar, que possa ser apropriada por milhões de pessoas?

CESAR BENJAMIN

1991, o ano que mexeu com tudo

Não seria exagero nem lugar comum dizer, como o título geral desta edição especial de *Brasil Agora*, que depois de 1991 nada será como antes. De fato, foi um ano em que a face do planeta foi remexida, do mapa-mundi à origem da vida, que as grandes empresas capitalistas querem patenteiar. Desabou o "socialismo real" no Leste europeu, num continente que busca a unificação, mas sofre com a emergência de um nacionalismo retrógrado e xenófobo. O "império" americano reviveu com a vitória na guerra do Golfo, mas sua supremacia política e militar não encobre a decadência econômica, principalmente diante da Alemanha reunificada e do agressivo Japão. A retrospectiva do ano, nos planos econômico, político, social e cultural, está nas páginas 5 a 12.

Na noite do dia 13, sexta-feira, a chama da esperança acendeu no ABC, na vigília comandada pelos metalúrgicos de São Bernardo, Vicentinho à frente. Pode ter sido a largada para um movimento cívico nacional pela retomada do desenvolvimento, contra a crise e a recessão promovidas pelo governo Collor. Enfim, um contraponto de otimismo e confiança nestes tempos de terrível baixo astral (página 3).

Em edições seguidas, os jornais da grande imprensa difundiram a versão de que o PT virou social-democrata ao concluir seu

1º Congresso. Na página 4, os fatos contra a versão.

Livro que vai causar polêmica, "Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa", do nosso colaborador Bernardo Kucinski, sustenta que o sectarismo da esquerda contribuiu mais para o fim da chamada imprensa nanica do que a censura ou o ataque às bancas de jornais. A resenha está na página 15 e aguarda-se chumbo grosso.

As colunas de opinião deste número trazem o deputado Luís Gushiken (PT-SP) indagando por que é o presidente Collor, segundo ele um político que se movimenta e atua exclusivamente em função do marketing - e o jornalista César Benjamin, sugerindo a necessidade de idéias simples para vencer a crise (páginas 2 e 3).

Na última página, a entrevista com o bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, indicado para receber o prêmio Nobel da Paz, mas que se julga mais autorizado a ostentar o título de "Nobel da briga", por sua luta implacável em defesa dos oprimidos.

Brasil Agora volta a circular dia 24 de janeiro, com um especial sobre as perspectivas de 1992.

O EDITOR

A FOTO CAPA É DE AF/CÉSAR ITIBERÉ



CAMPANHA DE NATAL

O PT de Santa Catarina promove campanha de protesto contra o governo Collor. Quem quiser participar é só telefonar e comprar um cartão que já vem com envelope endereçado a ele. Tel.: (0482)24.1148

NOVO PARTIDO

Diante da constatação do esgotamento histórico do PCB, e suas concepções doutrinárias vinculadas ao socialismo real, um grupo de comunistas propõe levar como proposta ao X Congresso do Partido, que ocorrerá entre os dias 24 a 26 de janeiro de 1992, a unificação dos socialistas e comunistas de compromisso democrático, tendo como eixo central o PT, hoje o maior partido socialista do país. Um grupo vai propor, ainda, que sejam iniciadas discussões entre as direções nacionais do PCB, PT e PSB, sobre a responsabilidade de construção desta unidade dos socialistas democráticos.

DOMINGOS TODERO
(ex-presidente regional do PCB)
Porto Alegre, RS

PINGOS NOS IS

Na cobertura do 1º Congresso do PT no nº 5 de *Brasil Agora* houve uma imprecisão na informação sobre o que foi aprovado como direito de tendência.

DIRETOR: João Machado. **EDITOR:** Rui Falcão. **EDITOR DE ARTE:** Joca Pereira. **ARTE:** Beatriz Pessôa, Celso Madeira. **REDAÇÃO:** Áurea Lopes, Flávio Aguiar, Hélio Doyle (Brasília), Mouzart Benedito, Raimundo Pereira, Valter Pomar. **SECRETÁRIA:** Adélia Chagas. **COPIDESQUE E REVISÃO:** Fábio de Lira. **DIGITADORAS:** Elizabeth Delfino da Silva e Patrícia Tanigawa. **EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** Caco Bissolte Silvana Panzoldo. **CONSULTORIA:** Mauro Oliveira. **EDITORA PÁGINA ABERTA Ltda.** **BRASIL AGORA** É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL - Al. Glete, 1049. **DISTRIBUIÇÃO:** Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. - Rua Teodoro Silva, 907 - TEL: (021) 577-6655 - CEP: 20563 - RIO DE JANEIRO, RJ. **GERENTE GERAL:** Hugo Scotte. **ADMINISTRAÇÃO:** Maria Alice de Paula Santos. **ASSISTENTE:** Ivanaida Alves. **REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:** Alameda Glete, 1049 - CEP 01215 - São Paulo (SP). FONES: 220-7198/222-6318. **CIRCULAÇÃO:** Paulo Mauro Soldano. **EXPEDIÇÃO:** Paulo Eduardo Soldano. **ASSINATURAS:** Maria Odete Gonçalves de Carvalho. **SERVIÇOS GERAIS:** Crídonor da Silva, Eusébia Mendes Ferreira, Fernando Soares de Siqueira, Luciene Barbosa da Silva. **FOTOGRAFIA:** Ed. Art. **IMPRESSÃO:** FTD. **COLABORADORES:** Abé, Alípio Freire, Aulan Rodrigues, Aloísio Moraes, André Singer, Antonio Cândido, Antônio Carlos Fon, Antônio Carlos de Queiroz, Antônio

NESTE NATAL DÊ A COLLOR O PRESENTE QUE ELE MERECE

"Vamos encher o saco do Collor" é uma campanha do Partido dos Trabalhadores. Envie um cartão de Natal para o presidente. ★PT fone (0482) 24-1148.

Em primeiro lugar, a emenda final vitoriosa foi inicialmente proposta pela Articulação, mas depois modificada a partir de discussões com representantes da tese 9 e da maioria da tese 10 (e não apenas apoiada por estes setores). Foi conseguido um texto de acordo, inclusive com representantes da tese "Um Projeto para o Brasil", cujos delegados depois votaram na sua quase totalidade na posição derrotada, de manutenção do texto-base. Além disso, o resumo da regulamentação aprovada dá uma idéia mais restritiva dos di-

reitos que passam a ter as tendências, do que o que ficou de fato. Assim, além de "Boletins Informativos", as tendências podem "editar publicações voltadas ao debate político e teórico ou propostas sobre conjuntura e movimento social, internamente ao partido. As relações internacionais são definidas como "atributo exclusivo do partido", mas também ficou estabelecido que "a direção nacional (do PT) avaliará as re-

30% votaram contra:
1% agora quer discutir; 1,5% dizem que agora as mulheres serão discriminadas; 4% não votaram porque a DS incorporou; 3% porque a CS apoiou; 1% porque não têm "produto acabado para reservar o mercado"; 2% porque não consta do Programa de Transição; 1,5% porque consta do Programa do Partido Social-Democrata do Taiti; 1% porque essa vitória só podia acontecer no socialismo; 3% porque 30% é pouco; 2,5% porque são sádicos; 2,5% porque não há cotas para machistas; 2% porque o Genoíno votou; 1% porque não quer dividir o trabalho doméstico; 1,5% porque acham que as mulheres não fizeram por merecer; 2,5% porque vão perder seus cargos para as mulheres; todos estes vão recorrer no próximo Congresso.

70% votaram a favor:
1% porque gosta de ganhar sempre; 2% porque no Congresso não tinha creche; 1,5% porque têm aquilo roxo; 1% porque o Augusto de Franco não votou; 1,5% porque não tinha papel no banheiro do Congresso; 0,5% porque pegava mal votar contra; 2,5% porque se convenceram com as argumentações contrárias; Mas, 60% votaram mesmo porque sabem que para ser socialista tem que ser feminista.

ANA MARIA CHIEFFI E ROMUALDO PORTELA
São Paulo, SP

O TESTE DO PT

O PT passou no único teste da modernidade do I Congresso: aprovou a emenda do mínimo de 30% de mulheres na direção.

BRASIL AGORA

MARTINS, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CAO, CARLOS EDUARDO CARVALHO, EDUARDO SUPÍCIA, CARLOS THOMPSON, CELSO HORTA, CÉLUS, CÍNTIA CAMPOS, CÉSAR BENJAMIN, CLÁUDIO CÂMBÉ, DENISE NEUMANN, DINORAH PERLATI PINTO, ELIZABETH TGNATO, EMÍLIO ALONSO, EMIR SADER, EUGÉNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁRIO LOUREIRO, FLÁVIO KOUTZY, GABYRU, GENARO URSO, HAMILTON DE ALMEIDA, IVAN SEIXAS, ISAAC ACKSELROD, JACA, JAYME LÉAO, JOÃO ANTÔNIO, JOÃO PEDRO, KIPPER, RICALDES DOS SANTOS, JORGE NUNES, JOSÉ AMÉRICO DIAS, JOSÉ ROCHA, JUAREZ GUIARÉS, JUAREZ SOARES, JUSTINO PEREIRA, LAPI, LUIZ CARNEIRO, LUIS GUSHIKEN, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO ANTONIO SCHUSTER, MARCOS SOARES, MARIA RITA KEHL, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSKIND, MARINGONI, MARISA MEIANI, MARIZA DIAS COSTA, MARCUS SOKOL, MARTINS KOVENSKY, MIADAIRA, MIRAN, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNIL, PAULO BARBOSA, PAULO FONTE, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, ROBERTO LATUADA, ROGÉRIO SOTTILI, SAITI, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, VERA ACIOLI, WALTER ONO, WELLINGTON DE ALMEIDA, VLADIMIR POMAR.

A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 35.000 EXEMPLARES. IMPRESSO NO DIA 18 DE DEZEMBRO.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Rui Falcão

“A chama está acesa”

**A “marcha do fogo”, que deu
início à luta contra a recessão,
teve mais de 7 mil pessoas!**

Eraram 6h45 da manhã do dia 14 quando o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, encerrou a vigília contra a recessão com uma frase muito simples: “A chama está acesa”. Depois de mais de 10 horas de um movimento que começou às 20h30 de sexta-feira, dia 13, e acabou apenas na manhã do dia seguinte, os participantes traziam no rosto uma expressão diferente. De esperança.

“Este não foi o último ato político de 1991, mas o primeiro do ano de 1992”, resumiu Luís Inácio Lula da Silva, presidente nacional do PT. “O ato do dia 13 vai servir de estopim para uma série de ações contra a recessão e o desemprego em todo o país”, proclamou a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina.

A marcha do fogo, segundo a prefeita, “será o elo capaz de ligar vários movimentos nacionais na busca de uma expressão política mais forte, que imponha ao presidente da República um basta a sua política recessiva”. Mais de sete mil pessoas acompanhavam a vigília. Mesmo sem referências explícitas, os participantes da vigília lembraram o ano de 1984 e a campanha das Diretas Já. “Esta manifestação foi apenas o começo da formação de um grande rolo compressor que vai passar por cima deste governo criminoso”, prevê Vicentinho.

UNIÃO. A vigília contou com a participação de religiosos, empresários, prefeitos, do governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, e de sindicalistas. O ato começou no Paço Municipal de São Bernardo, às 20h45, quando os participantes formaram a imagem do mapa do Brasil, e Lula e Vicentinho desceram do carro de som e, com suas tochas, começaram a iluminar o País. Em seguida, milhares de participantes saíram do Paço em passeata até o Sindicato. “Não, não, não; não à recessão”, gritavam os manifestantes. Na Ma-



Depois da marcha, Vicentinho (no destaque) com Erundina, Maurício Soares e Fleury

rechal Deodoro, a mesma rua onde 12 anos atrás os metalúrgicos corriam da violência da PM durante a greve de 1979, os trabalhadores - muitos acompanhados de mulher e filhos - empunhavam pacificamente suas tochas. Das janelas, donas de casa manifestavam sua solidariedade acendendo pequenas velas. Desta vez, ao contrário de outros anos, a maioria dos comerciantes deixou suas lojas abertas.

A Marcha do Fogo acabou às 21h45, e os manifestantes rapidamente lotaram o 3º andar do Sindicato. Muitos ficaram de fora, mas a TVT (Televisão dos Trabalhadores) montou um telão, e transmitiu todos os debates da vigília para quem ficou na rua. O primeiro resultado concreto da vigília aconteceu no painel que reuniu os prefeitos de São Paulo, Luiza Erundina; de Porto Alegre, Olívio Dutra; de

Santos, Thelma de Souza; e de São Bernardo, Maurício Soares; além do governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho.

COMPROMISSO. A partir da proposta de um ouvinte, os prefeitos do ABC e da capital e mais o governador se comprometeram a realizar, no início de 1992, um grande ato contra a recessão em São Paulo. Neste dia, prometeram os governantes, todo o transporte coletivo da região será gratuito para facilitar a participação da população no ato.

Fleury literalmente vestiu a camiseta da manifestação. Eram quase 3 horas da manhã quando ele recebeu, das mãos de Vicentinho, uma camiseta da vigília contra a recessão. Rapidamente, Fleury - que já estava em mangas de camisa, parecendo muito bem adaptado ao público metalúrgico - colocou a nova camisa. Foi aplaudido. Na

saída, um pouco de apuro. Um grupo de professores quis saber dos reajustes salariais. A segurança do governador não estava por perto, mas um grupo de metalúrgicos ajudou o governador, e os professores ficaram sem resposta.

Falando para um auditório ainda completamente lotado às 2h30 da madrugada, Lula lembrou que já existem quase 7 milhões de desempregados no país. “Ao mesmo tempo”, afirmou ele, “o presidente Collor conseguiu banalizar a corrupção, que em governos anteriores ficava apenas nas altas esferas, e hoje envolve bicicletas e guarda-chuvas”. Para Lula, esse é o retrato do Brasil de hoje: “Um país medíocre de um presidente medíocre”.

DORA MARIA

VICENTINHO: O PACTO NÃO ENTRA NA PAUTA

O presidente da Federação das Indústrias no Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, depois de fazer muito suspense sobre sua ida ou não à vigília, chegou às 23 horas, e acabou esperando por mais de duas horas até começar a falar. Amato decidiu desafiar a platéia, e insinuou que os desempregados estavam nesta situação porque eram vagabundos. A situação ficou tensa e a platéia chegou a ensaiar algumas vaias, mas acabou dando um exemplo de civilidade ao empresário e o deixou expor suas ideias. No final, Amato recuou e propôs um confuso “acordo de resultados” aos trabalhadores, pelo qual os funcionários de uma empresa teriam direito a uma participação nos lucros, desde que esta par-

cela não fosse incorporada aos salários e não se tornasse uma parcela fixa dos rendimentos. Luiz Antônio de Medeiros não participou, alegando uma inesperada rouquidão. “Quem perdeu foi ele”, disse Vicentinho. “A realidade de hoje exige competência para elaborar projetos que permitam sair da crise”, pondera Vicentinho, aproveitando para criticar tanto Medeiros como companheiros da própria Central Única dos Trabalhadores (CUT), que condenaram abertamente a vigília. “Os metalúrgicos do ABC jamais farão qualquer acordo que implique perda de salários ou emprego”, reafirmou ele, respondendo às acusações de que o Sindicato estaria patrocinando um pacto social. (D.M.)

O ANO DO TROCO

“As grandes massas em breve não terão acesso à alimentação básica. O Brasil será sacudido por grandes tumultos de rua. Partes das cidades serão incendiadas”. Estas previsões são da lava do cientista político Hélio Jaguaribe, que serviu ao governo Sarney e, mais recentemente, recomendou ao PSDB uma aproximação com o governo Collor.

Nós não cultivamos a vocação de profetas do apocalipse, não estamos à cata de sinais que indiquem a aproximação da catástrofe. Trabalhamos com matérias mais prosaicas, como a política econômica do governo ditada pelo FMI, o aprofundamento da recessão, o crescimento da inflação e os sucessivos escândalos, erigidos em método de governo, que se mantém firme e competente em sua única especialidade: o marketing.

O governo finge que está tranquilo com uma inflação de 27%, com o dólar no paralelo aproximando-se dos mil cruzeiros, e com uma recessão castigando duramente os trabalhadores em pleno período de festas de fim de ano.

Outra operação de marketing é a tentativa de embelezar a submissão ao FMI. A carta de intenções promete uma inflação de 1,53% ao mês até 1993.

A tenebrosa carta de más intenções promete ainda manter os atuais índices extorsivos dos juros.

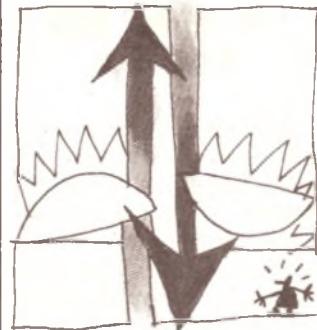
Tudo isso indica um ano de 1992 sombrio. Mas o povo não deve ceder ao desespero. Em 1992 temos uma ocasião de dar uma resposta a Collor e a seus aliados nas eleições municipais, nas quais devemos romper os limites do debate paroquial, impondo a discussão dos grandes temas nacionais.

É preciso fazer com que as greves ultrapassem os limites do corporativismo e envolvam vastas parcelas da sociedade. É preciso inventar novas formas de lutas, que criem canais para que todos os setores da sociedade expressem sua indignação contra o governo.

Collor trata o povo brasileiro como seu inimigo principal. A mobilização do povo derrotará a aventura insensata desse fantoche a serviço de interesses inconfessáveis.

LUIZ GUSHIKEN
Deputado federal (PT-SP)





TAREFAS DO CONGRESSO

O Congresso Nacional deixou a desejar em 1991. E as oposições também, por não gestarem uma proposta alternativa à política recessiva de Collor. A principal tentativa de intervir na política econômica - através de um fórum do Parlamento com trabalhadores, empresários e sociedade civil - não prosperou. E Collor, mesmo sem uma maioria estável, mostrou habilidade em encurralar o Congresso, impor o ritmo, e desarmar as iniciativas das oposições.

O melhor momento do Congresso em 1991: a aprovação do Plano de Custeio e Benefícios da Previdência que estendeu a 4,5 milhões de trabalhadores rurais a aposentadoria com um salário mínimo. Destaques: a derrubada de João Alves, o questionamento à oligarquia dos 7 anos e as mudanças parciais - na Comissão de Orçamento; o esquartejamento do Emendão; a derrubada da MP 296; a derrota da prorrogação de mandatos dos prefeitos; a solução encontrada para impedir o desmantelamento da informática nacional; a atuação das CPIs e o incremento da fiscalização da corrupção no governo Collor.

Os piores momentos: a manutenção dos vetos à política salarial, tornando o Congresso cúmplice do pior arrocho salarial da história. Outros destaques negativos: a aprovação das MPs 294 e 295 (Plano Collor 2), com o apoio do PMDB e do PSDB; a agressão de Nobel Moura à deputada Raquel Cândido; o episódio da necessária cassação de Jubes Rabelo, e o aumento de 143% para os deputados, após terem sido mantidos os vetos à lei salarial, e aprovado um reajuste bem menor para os servidores federais.

Por mais importantes que sejam as eleições municipais - quando a recessão e o desastre social do governo Collor serão julgados - elas não poderão esvaziar o Congresso em 1992. É preciso garantir que até junho sejam votadas a questão salarial, a regulamentação da reforma agrária, a LDB, a nova lei dos partidos, as leis da reforma urbana, o Projeto de Iniciativa Popular dos sem-casa etc. Não é possível manter uma legislação eleitoral que permite à direita ter maioria com menos votos que as oposições.

Nada disso acontecerá sem que as esquerdas se unifiquem, e estas com o centro. E sem que se estreitem as relações das esquerdas com as centrais sindicais, a sociedade civil e os movimentos populares.

NILMÁRIO MIRANDA



O fato contra a versão

Com a publicação das resoluções, a grande imprensa tem chance de corrigir cobertura tendenciosa.

A revista *Isto é/Senhor* - que foi acusada recentemente de ser porta-voz do querismo - não credenciou jornalistas para a cobertura do 1º Congresso do PT. Mas publicou, na edição de 11 de dezembro, uma matéria onde anuncia que o PT mudou de perfil: após uma batalha encarniçada entre os "ortodoxos" e os "heterodoxos", prevaleceu a inclinação social-democrata. O diário argentino *Página/12* não fez por menos: ainda no início dos trabalhos congressuais, anunciava a mudança no símbolo partidário: saí a estrela, entra a borboleta. Sua edição de 3 de dezembro informava a derrota das posições radicais que pretendiam reivindicar... a luta de classe!! *Libération*, *Le Monde*, *Estadão*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*... por todos os lados, prevaleceu a mesma desinformação. Quem se fia no que disse a grande imprensa, vai achar que o PT era stalinista e virou social-democrata; era retratário às alianças mas agora se dispõe a fazer amplos acertos; confundia socialismo com estatismo e só agora descobriu o papel do mercado; defendia a ditadura do proletariado e agora a repudiou; defendia a violência como método de luta política e agora votou uma resolução condenando por princípio toda e qualquer violência etc.

DEFINIÇÕES CLARAS. Uma rápida leitura das resoluções do Congresso petista contradiz a opinião

da maior parte da imprensa. Naseladas que o PT não é adepto "nem do socialismo real" nem da social-democracia" - afirmação que serve de título a um capítulo inteiro das mesmas resoluções, onde se lê que: "Ao rejeitar o socialismo real", o PT é muitas vezes chamado a definir sua posição frente à social-democracia, corrente política com a qual mantemos e continuaremos mantendo um relacionamento aberto, franco, crítico e independente. O PT não vê na social-democracia um caminho para a construção do socialismo nem tampouco uma alternativa real aos impasses da sociedade brasileira". O texto segue analisando os princípios da política social-democrata - que é classificada como "insuficiente para um país como o Brasil", criticada por ter perdido a referência socialista, por ser incapaz de sustentar a proposta de Estado de bem-estar social, e por sucumbir frente ao neo-liberalismo. As resoluções concluem afirmando que "as profundas reformas estruturais necessárias



ao Brasil supõem uma ruptura radical com a ordem econômica, política e social vigente - o que ultrapassa os limites da proposta social-democrata, que politicamente acredita na neutralidade do Estado, e adota como horizonte máximo a luta por reformas no interior do próprio capitalismo". É claro que isto pode não passar de retórica; afinal, a própria social-democracia, na Europa do princípio do século, também encobriu por um bom tempo seu pragmatismo reformato com um discurso revolu-

cionário de fazer inveja a muito esquerda brasileiro. Mesmo assim, cabe perguntar por que a mesma imprensa que forjou para o PT um perfil social-democrata não citou as resoluções do Congresso.

MANIQUEÍSMO. Outra constante na avaliação que a grande imprensa fez do Congresso foi a pretensa divisão do Partido em dois grandes blocos: "esquerda versus direita", "modernos versus conservadores", "burocratas versus parlamentares", "ortodoxos versus heterodoxos". De acordo com essa interpretação, o Congresso teria sido vencido por uma aliança entre o "centro" e a "direita" do partido, aliança que teria derrotado "todas" as teses da "esquerda". Quem conhece o PT, acompanhou o Congresso e suas votações, ou teve acesso às resoluções - que já começaram a circular, em versão não-oficial, sabe que, para dizer o mínimo, as coisas são muito mais complexas (ver abaixo matéria sobre a votação das teses). Basta dizer que, pelos critérios adotados pela Folha, o deputado Ernesto Gradella na medida em que integra a bancada parlamentar petista - deveria ser classificado como da "direita" do PT.

VALTER POMAR

1º CONGRESSO: AS TESES E OS VOTOS

O Congresso do PT apreciou 14 teses sobre socialismo, estratégia e concepção de partido, e 9 teses sobre reorganização partidária. Estas teses foram defendidas na manhã do dia 28 de novembro, 5º feira. Após as defesas, algumas teses foram retiradas por seus proponentes.

A votação das teses foi feita em urna. Cada delegado tinha direito de votar em uma tese sobre socialismo/estratégia/concepção de partido e outra tese sobre reorganização partidária. Votaram 1032 delegados (ver quadro).

A tese vencedora, em ambos os temas, foi a proposta pela Articulação, com cerca de 46% dos votos. O segundo lugar ficou com a tese 10, intitulada "Por um PT socialista e revolucionário". Esta tese foi apresentada pelas tendências "Força Socialista" e "Movimento por uma Tendência Marxista", por grupos regionais e personalidades do Partido, entre elas o deputado federal Florestan Fernandes. Em terceiro lugar ficou a tese 8, intitulada "Um Projeto para o Brasil", defendida, entre outros, por José Genoino Neto, Eduardo Jorge, Irma Passoni, Plínio de Arruda Sampaio, Augusto de Franco, Ricardo Azevedo, Ozéas Duarte e Pedro Dallari. Em quarto lugar, a tese 9 - "Um rumo revolucionário para o PT" - apresentada, entre outros, pela tendência Democracia Socialista.

Em quinto e sexto lugares, ficaram as teses 5 e 7, apresentadas, respectivamente, pelas tendências Convergência Socialista e O Trabalho. Em sétimo lugar, com 30 votos, ficou a tese defendida pelo deputado federal Wladimir Palmeira. As demais teses receberam menos de 1% dos votos.

Teses sobre socialismo, estratégia e concepção de partido

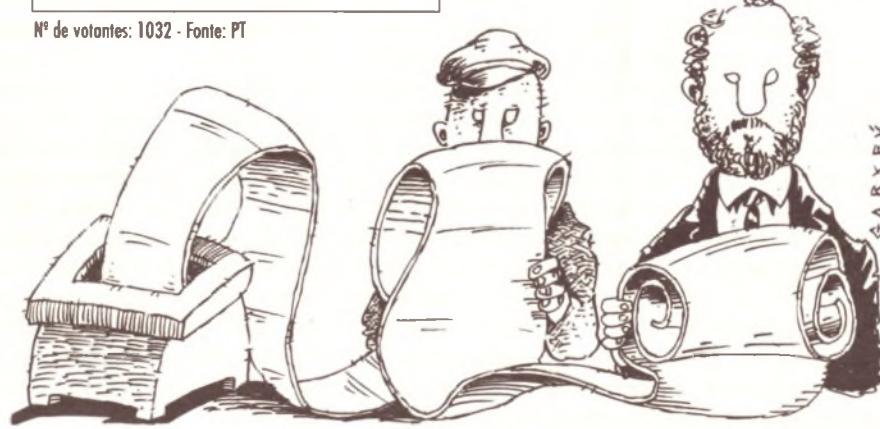
	votos	%
Tese 1	02	0,19
Tese 2	30	2,92
Tese 3	10	0,97
Tese 4	03	0,29
Tese 5	74	7,20
Tese 6	retirada	
Tese 7	36	3,50
Tese 8	127	12,36
Tese 9	115	11,19
Tese 10	145	14,11
Tese 11	476	46,34
Tese 12	retirada	
Tese 13	09	0,87
Tese 14	00	0
Brancos	05	
Nulos	0	

Nº de votantes: 1032 - Fonte: PT

Teses sobre reorganização partidária

	votos	%
Tese 1	08	0,79
Tese 2	33	3,27
Tese 3	37	3,67
Tese 4	147	14,58
Tese 5	114	11,30
Tese 6	129	12,79
Tese 7	463	45,93
Tese 8	03	0,29
Tese 9	74	7,34
Brancos	13	
Nulos	10	

Nº de votantes: 1032 - Fonte: PT



O ano do herói doente

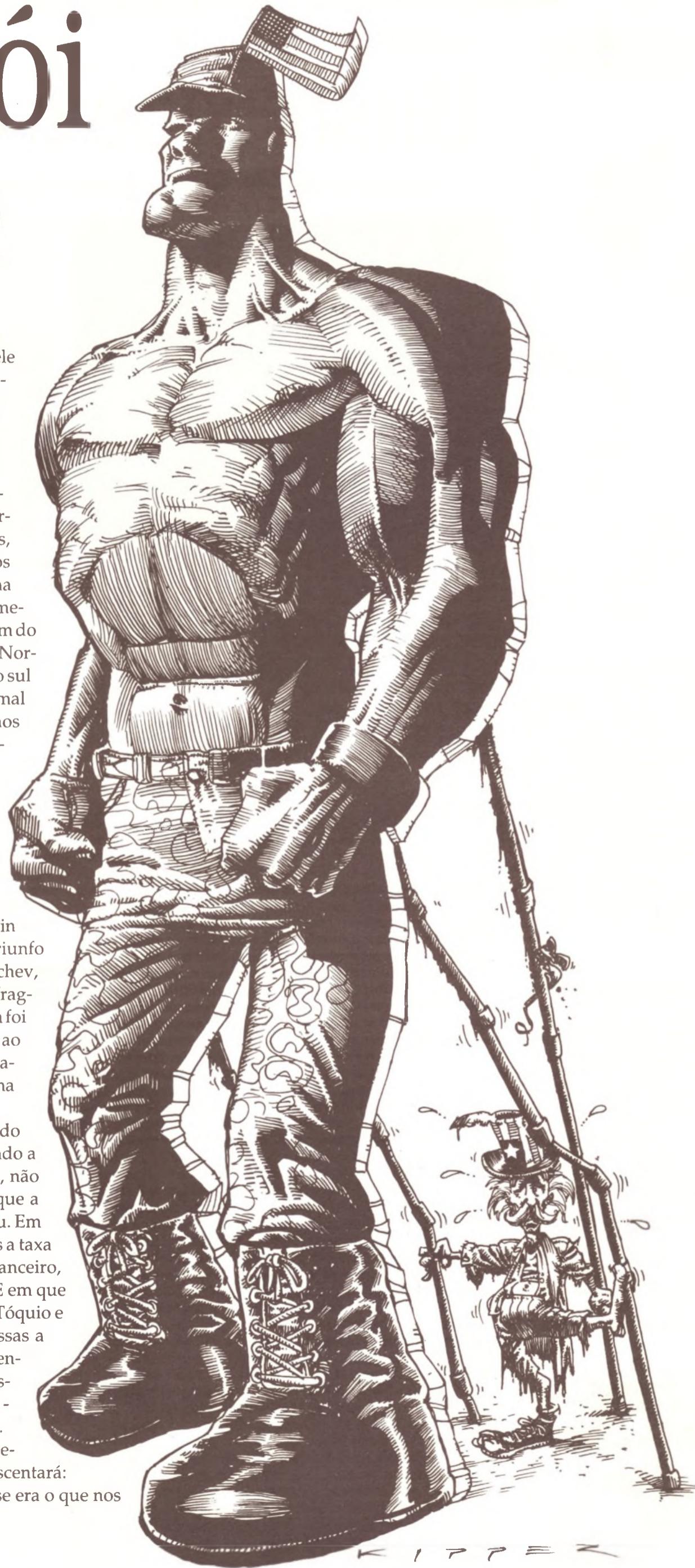
1991
NADA SERÁ COMO ANTES

Em 1991 pacientes humanos com câncer de pele foram tratados pela primeira vez através de células modificadas geneticamente extraídas de seus próprios tumores; os japoneses inauguraram as transmissões comerciais da HDTV - televisão de definição várias vezes superior à nitidez das televisões comuns; e praticamente todas as grandes companhias de computadores colocaram no mercado micros portáteis de segundo tipo - mais velozes, mais sofisticados e pesando menos da metade dos três quilos da geração anterior. Mas a cólera, uma doença que se julgava sepultada com os costumes medievais, desceu o Amazonas, a partir do Peru e, no fim do ano, apontou o espectro da morte em massa para o Nordeste e as cidades inchadas do mundo capitalista do sul do Brasil. E a tuberculose, uma doença de pobres mal nutridos, após décadas de declínio ininterrupto nos EUA, voltou a crescer, como se fosse uma calamidade natural dos pobres, dessas que atingem basicamente moradores de favelas e habitações sub-humanas. Os ciclones do subcontinente indiano, por exemplo, nesse mesmo 1991, só em Bangladesh, - mundo capitalista também - mataram mais de 100 mil.

O que será 1991 na estrada da História? O ano em que o Exército americano esmagou Saddam Hussein e pode, como não fazia há décadas, desfilar em triunfo pelas ruas de seu país? O ano do golpe contra Gorbachev, cuja derrota disparou a restauração capitalista e a fragmentação da URSS? O ano em que a estátua de Stálin foi derrubada da praça central da capital da Albânia, ao mesmo tempo em que o secretário de Estado americano, James Baker, desfilava, emocionado, para uma multidão?

Com certeza 1991 será lembrado pelas vitórias do capitalismo e as derrotas do socialismo. Mas, quando a humanidade pesquisar seus problemas, no futuro, não poderá esquecer que 1991 foi também o ano em que a Panam, uma das companhias símbolo dos EUA, faliu. Em que o Banco Central americano reduziu cinco vezes a taxa de juros básicos de seus empréstimos ao sistema financeiro, tentando, em vão, reanimar a economia nacional. E em que as duas maiores bolsas do mundo capitalista, a de Tóquio e a de Nova York, como que comemorando às avessas a vitória das forças do mercado sobre as do planejamento social, mergulharam em oscilações, grandes e bruscas, fazendo lembrar o desastre financeiro de 1987, - e o fantasma maior de 1929, da Grande Depressão.

O futuro não se lembrará do ano que passou apenas pela grande vitória do império americano. Acrescentará: o herói do ano era velho - estava doente. E sua crise era o que nos aguardava nos anos por vir.



1991

NADA SERÁ COMO ANTES

NACIONALISMO
E REVOLUÇÃO



O desmoronamento do bloco soviético deixou os EUA com as mãos completamente livres para intervir no mundo? Relativamente. Em 1991 França e Alemanha tomaram uma decisão histórica: a criação de uma força armada para servir de embrião de uma estrutura militar da Europa que se pretende unificar. Bush, no encontro da OTAN em Roma, logo após essa decisão franco-alemã, cobrou de Mitterrand, energicamente, uma definição. A Europa quer cuidar sozinha de sua defesa? ele perguntou. Se é isso, "o momento de nos dizer é agora".

A força armada da Europa é mínima, comparada com a da OTAN, e com a dos exércitos nacionais europeus, o russo, ou até mesmo o da recém criada Ucrânia, possivelmente. Mesmo assim, a questão política da soberania iugoslava, e da pretendida soberania europeia já são suficientes para tornar difícil e, se eletrificada, extremamente custosa - uma intervenção americana nos balcãs, por exemplo. Em outubro, um setor de opinião americana pedia a intervenção armada na Iugoslávia, mas o governo Bush se opunha claramente à ideia.

A intervenção americana na Etiópia foi sensível, mas teve de respeitar a força dos guerrilheiros eritreus e etíopes. Em maio o presidente da Etiópia, cujo governo havia sido sustentado pelos soviéticos, não resistiu à luta combinada dos eritreus, ao norte, e de dois movimentos rebeldes de outras áreas do país. E fugiu. Os americanos conseguiram se interpor e patrocinar as negociações de paz em Londres. Puderam influenciar o processo de reconstituição do governo do país no sul evitando ações revolucionárias. E conseguiram, dos eritreus do norte, um retardamento da proclamação de independência, pela qual os guerrilheiros lutam há 30 anos. Não conseguiram, no entanto, nenhuma vantagem militar na área.

1991: UM ANO
QUE VAI DEIXAR
SAUDADE... PARA OS
CORRUPTOS IMPUNES!

O MUNDO

Bush sobe e despencar

O Terceiro Mundo continua pagando pela recessão norte-americana



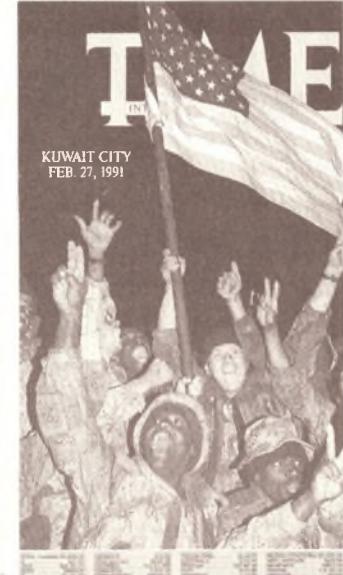
CAEM ESTÁTUAS

Moscou: desilusão abate ícone soviético.



BRIGADA FRANCO-ALEMÃ

Na Europa, marines não têm espaço. Marines em festa



3º MUNDO

sa, que explica o fato de o grande herói do ano, George Bush, ter visto seu prestígio político despencar.

Mais perturbador ainda, é o crescimento das correntes fascistas. A grande novidade política nos EUA foi a ameaça de vitória de David Duke, um candidato com as idéias da Klu-Klux-Klan, nas eleições para o governo da Lousiana. Duke perdeu, mas para uma coligação articulada nacionalmente inclusive pelo próprio Bush, que aconselhou o voto contra seu partido. E dias antes, sem que tivesse havido alarde, a extrema direita ganhou o governo do Estado do Mississippi, com Kirk Fordice.

INSTINTOS TRIBAIS. Na Europa, os neonazistas se destacaram em todas as grandes nações. Na França, Le Pen, o líder da Frente Nacional, recebeu um apoio inesperado do centro liberal: Giscard D'Estaing e Jacques Chirac deram declarações públicas a favor de sua política de restrição aos imigrantes; e pesquisas revelaram que essas idéias racistas tinham o apoio de pouco menos de metade da população. Na Alemanha (ver página 10), os mais de 700 ataques dos skinheads neonazistas às moradias dos imigrantes levaram a coligação governista de centro-direita a um acordo com os social-democratas, para a instalação de acampamentos de emergência onde os recém-chegados passarão a ser recebidos. Na Bélgica e na Áustria, eleições mostraram que a direita multiplicou sua força eleitoral, embora ainda se situe na faixa dos 15% dos votos.

Como o "desaparecimento do comunismo, os instintos tribais estão retornando", lembrou num artigo da página de editoriais do *Wall Street Journal* do dia 11 de dezembro, Arthur Schlesinger Jr. "A tragédia iugoslava é apenas o seu feito mais portentoso", diz ele.

Do ponto de vista econômico, 1991 é o ano da confirmação de uma verdade antiga. E, pasmem os modernos, marxista: a economia capitalista é cíclica e, periodicamente, mergulha em recessão, com seu cortejo de séries tradicionais. Desde o final do ano anterior, a economia americana apresentava taxas de crescimento negativas. E, embora o ano fosse todo marcado por declarações otimistas quanto à duração e à profundidade da crise, e quanto à possibilidade de uma recuperação natural do ciclo expansivo, o Federal Reserve, o Banco Central americano, reconheceu não apenas a recessão, mas a sua natureza, renitente perturbadora: fez cinco sucessivas reduções na taxa de juros dos empréstimos básicos ao sistema financeiro, cada uma buscando realizar o que não fora conseguido pela anterior - a reanimação dos negócios.

Os países do Terceiro Mundo continuaram carregando montanhas de riquezas para os ricos, para "honrar" suas dívidas. Os ajustes do México e Argentina, que dominaram o noticiário sobre a região, a exemplo do anterior, do Chile, são acertos das burguesias locais com o capital estrangeiro; servem para organizar um crescimento moderado, lento, insuficiente, baseado no arrocho salarial dos trabalhadores e no desemprego elevado, e no dinamismo restrito do setor de exportações, de serviços e de produção de bens duráveis para o consumo das camadas de renda superior.

No final do ano, as economias da França, da Alemanha e do Japão entravam em sintonia com a americana. Praticamente desde 1983 o mundo capitalista não enfrentava, em conjunto, períodos de declínio na produção de mais de dois trimestres consecutivos. Diante da expansão prolongada, teóricos haviam vaticinado o fim das crises e do domínio das forças cegas e destruidoras do mercado.

O longo período de crescimento que caracterizou os anos de euforia neoliberal não se caracterizou, no entanto, por altas taxas de crescimento industrial. Em todas as grandes nações ca-

pitalistas, após a recessão de 1981-82, o crescimento econômico continuou se dando a taxas mais baixas que a média da década anterior, prosseguindo uma tendência dos últimos 30 anos. E o dinamismo teve como um de seus fatores essenciais a desregulação dos mercados e a integração eletrônica do capital financeiro, disparando a velocidade de circulação dos haveres e, por consequência, a concentração de renda, tanto entre os países pobres e os ricos, como dentro das nações do grupo capitalista central.

Os países do Terceiro Mundo continuaram carregando montanhas de riquezas para os ricos, para "honrar" suas dívidas.

E o capitalismo renascido na URSS e no Leste europeu viveu em 1991, no campo econômico, uma situação que pode ser descrita com uma palavra: depressão. Só a China continuou crescendo, como há dez anos.

Daí a insegurança, o medo de que os registros eletrônicos das fortunas não sejam honrados: a última grande quebra da Bolsa de Tóquio, em meados de dezembro, por exemplo, se deu com as notícias de confusão na antiga URSS, com a criação de uma união eslava, a possível renúncia de Gorbaciov, as possibilidades de fome e revolta em Moscou.

É essa base instável, perigo-

REANIMANDO O HERÓI

FEVEREIRO

- Bush apresenta ao Congresso o projeto de orçamento para a União de 1992, e a consolidação das contas e previsões do governo para 1991. Prevê um déficit de 318,1 bilhões de dólares no ano (197 bilhões de pagamento de juros).

- O Federal Reserve, o banco central americano, faz a segunda redução de 0,5% na taxa básica de juros (outra havia sido feita em dezembro, após quase dois anos de estabilidade em 7% ao ano).

MARÇO

- Saem as revisões das contas dos EUA dos últimos meses. A economia cresceu 1% em 1990; mas caiu 1,6% no último trimestre do ano.

JUNHO

- O presidente do Conselho de Assessores Econômicos de Bush anuncia que, em bases nacionais, a recessão acabou.

AGOSTO

- O Fed reduz os juros (em mais 0,25%) para o nível mais baixo desde 1977, diante de sinais de que a recessão continua.

DEZEMBRO

- Saem as estatísticas de novembro com uma redução de 241 mil empregos nas folhas de pagamento das empresas: recessão iniciada 17 meses antes persiste.

- Bush anuncia um plano de 151 bilhões de dólares para recuperação das estradas americanas, destinado a criar 2 milhões de empregos em seis anos. O *Wall Street Journal* avalia que com um déficit fiscal de 350 bilhões de dólares neste ano - e de 3,5 trilhões de dólares no total

- medidas de curto prazo como esta agravarão o problema no futuro.



BRASIL - POLÍTICA

Collor luta e sobrevive

Uma história de ações palacianas com pouca participação popular



Collor e Camdessus: recessão mais funda



Collor e Brizola: a aproximação



Alceni: apenas um dos escândalos



Sai Zélia, entra Marcílio

Depois que o governo perdeu a primeira grande batalha para privatizar a Usiminas - com as decisões judiciais desfavoráveis, os incidentes diante da Bolsa do Rio e o cancelamento do leilão - pareceu que o Congresso Nacional sairia de sua letargia para de algum modo paralisar - ou pelo menos, atenuar - os efeitos destruidores da política de Collor.

O ano terminou, no entanto, com um sinal oposto: o governo entregou ao Fundo seu projeto de programa para os próximos anos, prometendo a entrega de novas estatais, recessão para todo o ano de 1992 e possivelmente 1993 e recessão mais profunda, para garantir o ajuste do país, segundo o mesmo modelo atual.

A história da política brasileira em 1991 é dominada por ações palacianas, parlamentares, de gabinetes; com escassa participação popular. Foi isso que tornou possível ao governo terminar o ano aparentemente bem: depois do fracasso do Collor 1, no início do ano, e do fracasso do Collor 2, em setembro, Collor anunciou o fim de todos os planos. É a ortodoxia econômico-financeira - recessão, arrocho, entreguismo - como o novo plano salvador.

FORMA E CONTEÚDO. Como isso aconteceu? Em primeiro lugar a esquerda se dividiu, seguindo caminhos políticos separados nas eleições de 1990, e não encontrando o programa e os métodos para se opor de modo unitário ao projeto neo-liberal. Não existiu, no PT, unidade para dirigir, por exemplo, uma campanha nacional contra a privatização, embora a direção nacional do partido tivesse endossado a idéia. O governo soube trabalhar com os que se disseram favoráveis ao conteúdo da campanha de privatização por se oporem apenas à sua forma.

E isolou a esquerda. Pareceu então que a defesa do patrimônio nacional ficara sob a liderança de Brizola.

Mas já em abril Brizola e Collor iniciavam uma aproximação política a pretexto da ECO-92 e dos CIACs - Centros Integrados de Apoio à Criança.

No final do ano Collor comemorava os resultados: o PDT ficou no combate apenas jurídico e parlamentar ao processo de privatização - Brizola desistiu do comício que faria contra a venda da Usiminas, depois de ter anunciado que a única saída estava nas ruas; o PDT apoiou decididamente o projeto de construção de cinco mil CIACs, quase dois

mil dos quais já foram licitados, e que se constituirão em peças básicas do projeto eleitoral do governo para o ano que vem.

PALAVRA-CHAVE. O governo também contou com o PDT para governar em outro momento crítico: o voto para a restrição do uso de Medidas Provisórias pelo governo em abril.

Na ocasião, seis deputados do PDT - entre os quais o líder Vivaldo Barbosa - deixaram o plenário livrando Collor de um golpe que o deixaria sem o instrumento essencial para governar autoritariamente como vem fazendo.

A política de Collor, porém, só teve êxito graças ao comportamento da oposição conservadora - o

PMDB e o PSDB - que, de início moderadamente e com ressalvas, mas a partir de meados do ano de modo escancarado e decidido, aderiram à tese de que a "abertura" do país é a questão chave para sua recuperação. Aprovaram a MP 299 que acabou com a luta jurídica contra o uso de moedas podres para a compra das estatais, por exemplo.

Finalmente, ao lado de Collor estiveram as forças básicas do governo: o PRN, o PFL, e, um pouco mais desgarrados, o PDS fustigando-lhe o passo, e pedindo moderação, o PTB e o grupo do PMDB do antigo Centrão.

LIBERALISMO E ORTODOXIA

JANEIRO

• O governo decreta o Collor 2, procurando apoiar-se em medidas heterodoxas para realizar o programa liberal.

MARÇO

• Regulamentados, para centralizar poderes no Banco Central, os "fundões" criados pelo Collor-2 substituem em grande medida o "overnight", e tornam menor a margem de manobra financeira dos governos estaduais.

• Cedendo a sucessivas pressões, o governo assina acordo provisório com os credores particulares para dívida externa, relativo aos pagamentos atrasados.

• O Ministério da Fazenda emite decreto criando novas moedas podres para privatização.

• O presidente do BNDES, Eduardo Modiano, anuncia que o governo mandou mudar os estatutos do banco, para permitir empréstimos às multinacionais.

• A Fiesp investe contra o congelamento de preços, e pede à justiça que declare "inconstitucional" as autuações da Fiesp.

MAIO

• Crescem as pressões do FMI. Michel Camdessus encontra-se com a ministra Zélia, mas dá entrevista dizendo que a economia brasileira "está entre as que não funcionam".

• A Embraer anuncia que cancelará venda de aviões "Brasília" a Cuba, obedecendo exigências de seus fornecedores nos EUA.

• A ministra Zélia cai.

• Dorothea Werneck volta ao governo, e anuncia que acabará o controle sobre preços.

• O Conselho Monetário Nacional abre as bolsas de valores brasileiras aos fundos de pensão do exterior.

• O Executivo envia ao Congresso projeto de Código de Propriedade Industrial, como queria o governo dos EUA.

DUAS MEDIDAS. Os inúmeros "escândalos" que transformaram o governo do Caçador de Marajás numa reedição do governo Sarney, - da LBA, do café, dos CIACs, do Ministério da Saúde e dezenas de outros, como os da família Malta - acabaram soterrando a política numa espécie de desfile lacerdista.

Já os interesses comuns dos grupos maiores que apoiam a estratégia do governo Collor são tidos como limpos e apresentados como modernos. São defendidos diariamente pela imprensa do grande capital: a abertura, integração, desregulamentação, privatização são suas palavras-chave. São grupos cujos lucros se mantêm altos, a despeito da recessão; que lucram com a política de concentração necessária ao pagamento da dívida externa. Pesquisa dos bancos divulgada no dia 12 de dezembro mostrou que as grandes empresas, apesar da redução do faturamento em relação a 1990, tiveram elevação de 2.000% nos lucros em 1991.

DEMOCRACIA E FINANÇAS



Em 1990, Collor editou 150 medidas provisórias, tantas quanto Sarney num período bem maior (as MPs foram criadas pela Constituição de 88). Lei complementar votada no Congresso entre março e abril diz que o governo deve detalhar os motivos da "urgência e relevância" da medida, que não pode ser usada para impor decisões claramente discordantes do Congresso (por exemplo, reeditar MP rejeitada).

O governo continuou podendo: baixar MPs sobre questões tributárias; e a repetir uma medida tantas vezes quantas quiser. As MPs valem como lei por 30 dias, a partir de sua edição; se não são revalidadas - pelo Congresso ou por nova medida, o governo teria de apagar seus efeitos.

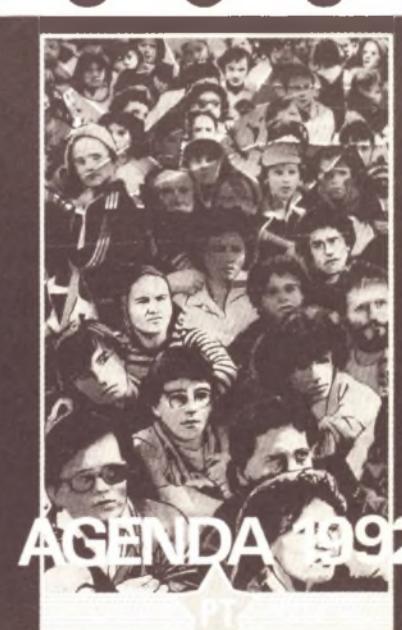
Em fins de março, quando a oposição moderada quis limitar o "direito" do presidente da República a apenas uma MP sobre um assunto por ano, o líder do governo lembrou que PMDB e PSDB tinham considerado como relevantes e urgentes 293 das 295 medidas editadas por Collor e Sarney até então.

Em outubro o governo trouxe com o PMDB e PSDB a MP-299. Para poder trocar a Usiminas pelas famosas moedas-podres, contestada por uma dezena de decisões judiciais, o governo conseguiu apoio do PMDB e PSDB para a medida provisória interpretativa 299, no dia 23. A MP-299 legalizou o uso dessas moedas para o leilão feito no dia seguinte e todos os outros leilões.

CHEGOU!

Preço de
promoção:
Cr\$ 4.000,00

Procure nos
Diretórios do PT
ou envie cheque
nominal ao Diretório
Nacional do PT
(Rua Conselheiro
Nébias, 1052
CEP 01203
São Paulo/SP)



1991

NADA SERÁ COMO ANTES



A POLÍTICA SALARIAL



Todos os seis pacotes econômicos desses cinco anos após a ditadura basicamente desmontaram as leis salariais existentes. O objetivo: impor aos trabalhadores as perdas salariais causadas pela inflação do período anterior. O PMDB inaugurou, com o Plano Cruzado, a proibição de se discutir na Justiça do Trabalho as perdas inflacionárias; o futuro sem inflação compensaria o sacrifício, era a promessa.

Na oposição, o PMDB e o PSDB aprovaram duas leis salariais em 1990 com proteção inflacionária parcial para os salários baixos (até 5 salários mínimos estão 80% dos assalariados brasileiros). Collor vetou integralmente as duas leis.

No início de 1991, o governo concordou com um aumento do mínimo para 17 mil em março e 20 mil em abril. E com um abono mensal (correspondente à variação de uma cesta básica de 29.600 cruzeiros) para todos os salários até 10 mínimos. Em troca, os dois partidos da oposição moderada aprovaram a legislação, que impedia a reivindicação das perdas decorrentes do Collor 2 na Justiça. E ficaram à espera de um projeto de lei salarial do governo.

Em fins de agosto, o Congresso agiu independentemente. Votou o mínimo de 42 mil e uma política salarial de indexação parcial dos salários baixos e das aposentadorias à inflação; e de elevação real do mínimo. Desta vez Collor deixou a lei passar, esburacada: vetou os 11 dispositivos básicos da indexação. Até meados de dezembro, em votações sucessivas, graças principalmente ao não comparecimento ao plenário de parte da oposição moderada e dos dissidentes do PTB, o Congresso não conseguiu derubar os vetos.

Em dezembro de 91, como em dezembro de 1990, o governo propôs um abono para minimizar o arrocho, que fez os salários perderem, desde 1985, um terço de seu valor, em média, em São Paulo.

GORBATCHEV, UM PRESIDENTE SEM-PAÍS?



BRASIL - ECONOMIA

Prezado Sr. Camdessus

Juros morro acima, empregos morro abaixo e aplausos do diretor gerente do FMI.



ERA DE DEMISSÕES

Vicentinho, impotente diante das demissões da Brastemp (acima) e ao lado de Lula no protesto contra 5 mil demissões na Autolatina.

No fim do ano, falando depois de receber uma nova carta de intenções do Brasil, o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, não procurou esconder seu entusiasmo. "Eu acredito neste programa porque nele não há mais milagres, não há mais mágicas nem brilhantes estratégias heterodoxas. É um plano completamente ortodoxo". E prosseguiu: "Vai ser um programa extremamente duro, mas estou impressionado com a determinação das autoridades brasileiras em implementá-lo".

Para chegar a esse ponto, ideal do ponto de vista dos credores, o governo Collor fez um caminho em zigue-zagues.

Em janeiro, quando ainda não tinha dez meses de governo, os índices de preços romperam a barreira dos 20% ao mês, e tornou-se claro para todos que fracassara o "tiro único" com que o presidente prometera abater a inflação. O governo decretou, então, o conjunto de medidas provisórias do Collor 2, com algumas novidades que, na prática, funcionaram como uma espécie de preparativo para a "solução" ortodoxa do fim do ano.

O plano apoiava-se essencialmente, mais uma vez, num aperto suplementar sobre os salários, que foram congelados pela média e deixaram de contar com proteção contra perdas futuras. Mas também impunha certos limites à ação do grande capital.

A VEZ DE MARCÍLIO. Um deles era o congelamento de preços, habilmente evitado no Collor 1. O outro, mais importante, foi a criação dos "fundões", que obrigavam os bancos a canalizar as aplicações financeiras de seus clientes para certos tipos de títulos públicos, que funcionou para conter os gastos dos Estados e eliminar os ganhos de pequenos e médios aplicadores nos mercados financeiros de curto prazo.



PLANOS, PLANOS...

Ao lado, Zélia e sua equipe anunciam o Plano Collor 2. Acima, o empresário G. Aronson entra em concordata

prazo. A direita reagiu com o habitual escândalo. "O sistema bancário foi praticamente estatizado", considerou o ex-ministro Maílson da Nóbrega.

Nem mesmo uma longa série de medidas, que sinalizavam nitidamente a intenção oficial de acelerar como nunca as reformas econômicas conservadoras, foi suficiente para aplacar a ira dos liberais. Em abril, o governo fechou um primeiro acordo, de renegociação dos débitos atrasados, com os credores privados da dívida externa. Em seguida, emitiu decreto ampliando a cesta de moedas utilizáveis nos leilões das estatais, simplificou a

selho Monetário Nacional decidiu a abertura das bolsas ao capital estrangeiro e o Palácio do Planalto enviou ao Congresso o projeto de Código de Propriedade Industrial, velha exigência do governo norte-americano e das multinacionais farmacêuticas. O semestre terminou com uma entrevista do novo ministro, anunciando oficialmente que o governo abria mão de fixar-se, na negociação da dívida externa, ao conceito de capacidade de pagamento do Brasil, que havia norteado a política da administração Collor até então.

ORTODOXIA O congelamento de preços, como das vezes ante-

riores, ao eliminar o confisco inflacionário contínuo, reanimou certas áreas da economia. A partir de abril, os índices de emprego e produção industrial passaram a registrar altas em relação aos meses anteriores. O crescimento, inicialmente teve um efeito positivo também sobre a balança comercial: os superávits mensais voltaram a ser superiores a 1 bilhão de dólares.

Os empresários, que hoje se queixam das taxas de juros, passaram porém a atentar para a emissão de moeda, que em alguns meses superou as taxas de inflação. Na rota ortodoxa escorregida, não há outro meio de "enxugar" moeda exceto elevando os juros. Foi o que fez o governo. A partir de agosto, as taxas pagas aos credores da dívida interna foram sempre positivas e crescentes. As emissões reduziram-se bruscamente. A inflação, no entanto, continuou a marcha rápida morro acima. O consumo e os investimentos das empresas caíram novamente, e os gráficos de emprego embicaram outra vez para baixo. Nem as exportações resistiram ao novo surto recessivo.

Para incentivar as empresas, o governo comandou, em 30 de setembro, uma desvalorização de 16% do cruzeiro. Um mês depois, puxou os juros para a casa dos 30% ao mês.

Num discurso proferido no momento mais dramático da crise perante o Conselho Monetário Nacional, o ministro Marcílio prometeu aos liberais que o governo apagaria os incêndios provocados pela política ortodoxa, com doses mais cavaleares de ortodoxia. E os grandes empresários, que em média lucram com juros porque são empresários líquidos, se acalmaram. Mais tarde, quando o presidente Collor prometeu aos brasileiros mais um ano de miséria em 92, nenhum grande jornal se dispôs a protestar.

JUNHO

- O ministro Marcílio anuncia em entrevista que o governo Collor abandonará o conceito de "capacidade de pagamento" da dívida externa.
- O Senado aprova, com os votos do PMDB, PSD e PDT, o acordo sobre os atrasados da dívida externa.
- A Câmara dos Deputados aprova uma lei de informática que liquida, no essencial, com a reserva de mercado. Parte da esquerda embarca na onda.

JULHO

- O ministro João Santana vai aos EUA para tentar convencer um conjunto de grandes empresas a investir no setor de telecomunicações brasileiro, que segundo a Constituição é monopólio estatal.
- O chefe da Divisão do Atlântico do FMI, José Fajgenbaum, recomenda a mudança da Constituição brasileira. Collor pede e obtém sua substituição.

SETEMBRO

- Fracassa a primeira tentativa de leiloar a Usiminas.
- Assustado com a queda das importações, o governo desvaloriza em 16,7% o cruzeiro.

OUTUBRO

- Diante de uma grave crise cambial, o Banco Central anuncia que não mais intervireá no mercado de ouro. Para impedir corrida ao metal, puxa novamente os juros: 42% ao mês.

- O governo consegue, na segunda tentativa, privatizar a Usiminas. A Nippon, japonesa, lidera o cartel que assume o controle acionário.

DEZEMBRO

- O governo Collor entrega sua carta de intenções ao FMI. Ao saber que vai avistar-se com o presidente brasileiro em Cartagena, Colômbia, Michel Camdessus pede que José Fajgenbaum desloque-se de Washington até a cidade colombiana - e leva-o ao encontro com Collor, que aceita a humilhação.



MUNDO, SITUAÇÃO SOCIAL

Ricos e xenófobos

A direita européia ataca os imigrantes, especialmente os mais pobres.



NEONAZISTAS ALEMÃES

Mais de 700 atentados contra os imigrantes na Alemanha neste ano. Na foto, manifestação em Hamburgo.

No final de abril o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial divulgaram previsões sombrias sobre o desempenho da economia e das condições de vida durante o ano. Uma das consequências, dizia em especial o documento do Banco Mundial, seria a multiplicação, nos países pobres, de megalópoles dotadas de condições precárias de urbanização: nessas cidades, haveria entre 25% e 50% de casas sem esgoto; e 25% a 30% dos domicílios sem água potável; e, pior, 80% das epidemias provocadas pela má qualidade da água.

EMPOBRECIMENTO. A imigração da periferia para o centro do sistema imperialista já havia se constituído há alguns anos num dos resultados mais evidentes deste empobrecimento. As dimensões do fenômeno migratório variam muito de país para país. O Japão, por exemplo, que conta com uma economia em expansão, sustenta uma política de estímulo seletivo às imigrações. E privilegia os descendentes dos próprios japoneses. Só do Brasil foram, nos seis primeiros meses deste ano, 46 mil nisseis - bem mais que os 18 mil durante todos os meses de 1988. Nos últimos sete anos mudaram-se para o Japão 150 mil brasileiros, que se dispõem a trabalhar em média 13 horas durante 6 dias por semana, esperando economizar 2 mil dólares por mês.

Talvez por perceberem nos últimos anos sinais de desaceleração econômica, os EUA modificaram, nos últimos tempos, sua política em relação às imigrações. Durante a década de 80 entraram no país 8 milhões de estrangeiros - tanto quanto na década de 1910.

Em 1990, porém, uma nova lei fixou quotas de entrada, que serão de 700 mil entre 92 e 94 e de 675 mil daí em diante. Além disso, foram adotadas duas me-

didas que resultaram numa espécie de seleção racial dos estrangeiros. Uma delas foi a intensificação da vigilância sobre a divisa com o México. Calcula-se que um milhão de trabalhadores, a esmagadora maioria latino-americanos, foram presos pela polícia dos EUA tentando cruzar ilegalmente esta fronteira, no último ano.

DISCRIMINAÇÃO. A nova lei de imigração libera totalmente a entrada no país de quem possua meio milhão de dólares, e se disponha a residir no campo ou em áreas com pouca oferta de mão de obra. Os critérios para concessão de asilo, por seu lado, vão privilegiar os europeus e reduzir os migrantes latino-americanos, cujo número cresceu muito. Na Inglaterra, foi anunciada, em outubro último, a tramitação do Asylum Bill. Segundo opiniões do Partido Liberal, a lei tem caráter racista nítido - volta-se em especial contra imigrantes do Sri Lanka, Somália e Uganda.

ONDA CONSERVADORA. Na França o problema é mais grave. A direita tem "denunciado" o que chama de "explosão" do número de imigrações, e a onda contagiou boa parte do centro. Um recenseamento concluído mais ou menos à mesma época pelo INSEE revelou no entanto que a realidade era inteiramente opos-

ta. O número de estrangeiros era de apenas 3,6 milhões, o que revelava na verdade uma pequena redução em relação à cifra (3,7 milhões) registrada oito anos antes. O erro de avaliação de parte dos políticos tinha uma causa reveladora, mostrou também o INSEE. É que se modificara a composição étnica dos imigrantes. Enquanto até 1975 apenas 46% deles eram africanos, este índice havia passado agora para 64%, o que talvez explicasse o fato de inúmeros franceses afirmarem que era "visível" o aumento da população não-francesa.

EXPURGO. Em nenhum outro

país os conflitos causados pela imigração foram tão graves quanto na Alemanha. Em 9 de abril teve início uma onda de perseguições aos estrangeiros, que começou com um ataque de 200 neo-nazistas a um grupo de turistas poloneses. Mais tarde, a vaga voltou-se contra ciganos romenos e iugoslavos. E em pouco tempo começaram a ocorrer autênticos pogroms. Até agosto, o número de ataques havia chegado a 700. Só nas duas primeiras semanas de outubro, houve mais 400 casos, num dos quais 2 crianças libanesas, vítimas de bombas incendiárias, ficaram desfiguradas. A ultra-direita alemã adquiriu expressão eleitoral: em setembro, alcançou 10% dos votos, na Bavária. Em Berlim, alguns cafés passaram a anunciar publicamente que não atenderiam mais pessoas com feições orientais.

Mas, sinal positivo: milhares de manifestantes fizeram inúmeras manifestações para protestar com vigor contra a onda de preconceito e barbárie.

ESCÂNDALOS DO ANO

O árabe

No dia 5 de julho, numa operação conjunta, os bancos centrais dos países capitalistas ricos interviveram nas agências do BCCI - Banco de Crédito e Comércio Internacional, de capitais árabes e paquistaneses, acusado de fraude generalizada. Na operação, disse um mês depois a revista *Newsweek*, esteve envolvida a CIA, a agência de inteligência do governo americano, que desde 1986 estava infiltrada no banco, a partir de cujos extratos preparava, por exemplo, relatórios sobre o financiamento de terroristas árabes.

O americano

No dia 9 de agosto, durante investigação no Congresso dos EUA, o maior banco de investimentos do país, Salomon Brothers, admitiu que no mês de maio, em operação com títulos do Tesouro no valor de 6 bilhões de dólares, tinha falsificado posições com vistas a afastar pequenos compradores, graças ao que lucrara milhões. Investigações feitas a seguir mostraram que as fraudes no mercado de títulos do governo americano eram muito mais amplas. Nesse mercado são negociados regularmente os 3,5 trilhões de dólares da dívida do governo federal americano.

O japonês

No dia 31 de agosto, o chefe do serviço de vigilância financeira do Ministério da Fazenda japonês disse ao Parlamento que a maior companhia financeira do Japão, a Nomura Securities, tinha manipulado na Bolsa de Tóquio as ações da Tokyu Corporation, para beneficiar Susumu Ishi, o antigo chefe da gangue Inagawa-Koi, segundo maior sindicato do crime organizado do Japão. Investigações posteriores mostraram que as manipulações fraudulentas eram muito mais comuns.



ESCÂNDALOS

O presidente da Nomura Securities, acima, e o presidente da Salomon Brothers: as falcatruas do BCCI ficaram mais conhecidas e a CIA esteve presente.

DROGAS E SOBERANIA



Os sinais de que os EUA estão dispostos a usar a campanha antidrogas para intervir nos assuntos internos de outros países estão evidentes no caso boliviano, por exemplo. Este ano, chegaram ao país 56 assessores militares norte-americanos, com dezenas de helicópteros. Além disso, os EUA promoveram ampla campanha de chantagem contra a Bolívia, e recusaram-se a cumprir acordos que previam "ajuda" de 66 milhões de dólares, até obterem a demissão do ex-chefe das tropas que lutam contra o narcotráfico.

Os norte-americanos empenharam-se em 1991 para firmar com os governos do Peru e da Colômbia acordos que lhes garantiam liberdade de operações tão ampla quanto na Bolívia. Até o momento, fracassaram.

O caso mais exemplar dos limites à ação norte-americana, contudo, ocorreu este ano na Colômbia. O governo dos EUA vinha fazendo intensa pressão para que Pablo Escobar, o principal chefe do cartel de traficantes de Medellin, fosse preso e extraditado. Após negociações com a Assembleia Constituinte, no entanto, Escobar concordou em entregar-se à justiça, desde que fosse assinada uma lei proibindo as extradições. Foi o que se deu, apesar de todos os protestos da Administração de Combate às Drogas dos Estados Unidos. Num lance de arrogância incomum, esse órgão chegou a dizer que o governo do país latino-americano seria "julgado" junto com Pablo Escobar.





UMA NOVA ESPÉCIE



É uma nova espécie de filosofia, a miséria da filosofia: consiste em **exagerar** o agravamento das condições de vida do povo, transformando-o em **escândalo**; e, ao mesmo tempo, esconder as causas do fenômeno.

No início de setembro, o chefe de Estado fez pronunciamento em cadeia de rádio e TV, pedindo à população que "se indigne" com o drama das crianças miseráveis. A mesma época, o ministro Alceni Guerra, da Saúde, resumiu os objetivos do governo numa frase que deve ser analisada em seu segundo sentido evidente: para ele, a estratégia é "escancarar a realidade para recuperar a credibilidade".

Em outubro, o Executivo obteve do Congresso recursos para construir quase 2 mil CIACs já em 1992 - ano eleitoral. Revelou-se pouco depois, porém, que embora as verbas sejam fárias, sequer o programa pedagógico que norteará os CIACs havia começado a ser composto.

Mais requintada que o governo Collor, a Folha de S. Paulo passou a publicar regularmente matérias sobre a vida dos miseráveis, com requintes de deformação. Chegou a alardear uma novidade científica: o surgimento de "quase que novas espécies humanas". O "homem-gabiru", no caso.

Em julho, o principal diretor e proprietário do jornal, Otávio Frias Filho, publicou na primeira página de uma edição carta aberta em que criticava o governo Collor **pela direita** - acusando-o, por exemplo, de demorar-se na privatização das estatais e não demitir funcionários públicos em número suficiente.

Assim como Collor, portanto, a "Folha" separa o drama dos descamisados de suas causas. Trata a miséria como se fosse um fenômeno ligado ao que chama de "atraso cultural" do país - não a suas relações sociais. "Salvemos os homens-gabirus: privatizando as estatais", é o seu lema.



BRASIL, SITUAÇÃO SOCIAL

A vida andou para trás

E as elites tornaram-se mais rancorosas e violentas contra os pobres.



OS SEM TETO

Em São Paulo, o número de atendimentos pela prefeitura cresceu 81%

No final de maio, a *Gazeta Mercantil* compilou uma série de dados que forneciam um retrato dos reflexos da crise econômica sobre as condições de vida da população de São Paulo. O número de indivíduos que procurava a cada dia os Núcleos de Atendimento às Pessoas com Problemas de Subsistência da Prefeitura, havia crescido 81% nos três primeiros meses de 1991, em relação ao mesmo período do ano anterior. A secretaria de Educação do Município havia sido obrigada a suplementar as verbas para a compra de merenda escolar, porque o empobrecimento das famílias levava boa parte das crianças a procurar a escola para se alimentar. E o encarecimento da educação particular fizera crescer a própria procura por vagas nas instituições municipais de ensino: no início do ano, 500 mil crianças haviam se candidatado, contra 300 mil em períodos normais.

O problema era mais grave, apontou o secretário de Planejamento, Paul Singer. As escolas da prefeitura continuavam com capacidade para atender a apenas 180 mil estudantes. O número de ônibus em circulação no município era o mesmo de dez anos antes, o que elevava a lotação, nos horários de pico, para até onze passageiros por metro quadrado. Em todo o Estado de São Paulo, 27 hospitais particulares haviam se descredenciado do Inamps nos doze meses anteriores, reduzindo ainda mais a quantidade de leitos.

É provável, porém, que o ano de 1991 fique marcado menos pela piora das condições de vida do povo - uma tendência que já dura uma década - e mais pelos reflexos do empobrecimento nas relações sociais.

CRESCE A VIOLENCIA. Parte da elite assumiu atitude ainda

1991

NADA SERÁ COMO ANTES



Cerimônia por demarcação de terras dos índios.



Segurança paga contra os ambulantes, na Uruguaiana, Rio.

mais violenta e rancorosa em relação à maioria miserável do país. Em São Paulo surgiram proposta para impedir a migração de nordestinos. E cresceu a violência contra as crianças e adolescentes pobres, praticada tanto pelos grupos de extermínio quanto pela polícia e a própria justiça. Entre setembro de 1990 e agosto de 1991, denunciou o Núcleo de Estudos sobre Violência da USP, 171 menores foram assassinados no Estado. Levando-se em conta os casos registrados pela imprensa, o índice de mortes de São Paulo era 50% mais alto que em 1989. Mais da metade dos crimes eram de autoria desconhecida, indicador da ação dos "justiceiros". O fenômeno tinha dimensões nacionais. Já em maio, a promotora Tânia Maria Sales Moreira, da 4ª Vara Criminal de Duque de Caxias (RJ), havia levantado provas concretas do envolvimento de grupos de comerciantes e da própria polícia em pelo menos parte das ações. Acusados de pertencer a grupos de extermínio, disse a promotora, estavam recebendo de funcionários da 4ª Vara carteirinhas de oficial de justiça. Em junho, veio à tona um documento da Escola Superior de Guerra que revelava com crueza a visão preconceituosa e discriminadora sobre as crianças marginalizadas. O texto era parte de um conjunto de três volumes produzido pela ESG como subsídio para as elei-

ções presidenciais de 1989. Traçava os menores abandonados no capítulo "subsídios para uma política militar". Enxergava-os como futura "horda de bandidos". E prosseguia: "no início do próximo século haverá um contingente de marginais, malfeiteiros, e mesmo de assassinos de efetivo semelhante ao atual do Exército. O que os orientará, nesse quadro prospectivo dos menores de rua transmutados em adultos bandidos, será a falta de respeito ao direito alheio, e mesmo à vida".

Em 24 de agosto, o juiz Danilo Costa, de Belo Horizonte, ordenou uma "operação ar-

O DEBATE DA AMAZÔNIA

O segundo semestre de 1991 foi marcado pela polêmica sobre a preservação da Amazônia, e a alegada ameaça de sua internacionalização.

AGOSTO

Termina a reunião do G7 - o grupo dos países capitalistas ricos. Eles dão "o maior apoio" à defesa da floresta brasileira, e falam de programa de 1,5 bilhão de dólares. Mas não se comprometem com nada.

SETEMBRO

Setores militares criticaram o relatório da Comissão Internacional de preparação da ECO-92, por conter críticas ao projeto Calha Norte, de ocupação militar das fronteiras da Amazônia. O secretário do meio-ambiente, José Lutzemberger, também ataca o documento.

OUTUBRO

Collor envia carta ao G7, criticando a falta de qualquer sinal sobre a liberação dos US\$ 1,5 bilhões em Londres. Diz temer que a preocupação do primeiro mundo com o meio-ambiente seja "apenas retórica".

O presidente Collor homologa a demarcação de 71 áreas indígenas em 16 estados, mas deixa de fora os ianomani. Setores do Exército acham que a demarcação visa, no futuro, criar um enclave e separá-lo do Brasil.

NOVEMBRO

Collor assina decreto autorizando a demarcação da reserva ianomani. Mas não há verbas para a demarcação efetiva.

DEZEMBRO

Termina a CPI da Amazônia: não há evidências de ameaça de internacionalização da região.

rastão", na qual 520 jovens foram detidos e humilhados nas ruas da cidade. Muitos deles eram trabalhadores. Quando protestaram, o juiz declarou: "não podemos ver na testa quem é bandido - por isso mandamos prender todo mundo".

TRABALHO INFORMAL. Premida pelo desemprego e pelos baixos salários, a população procurou adaptar-se através de formas de trabalho não-tradicionais, o que é outra característica marcante de 1991. O crescimento da zona comercial paralela, formada pela atividade de milhares de camelôs, que passaram a vender uma ampla variedade de artigos, foi um fenômeno que se verificou em todas as capitais. Muitas vezes, tornava-se possível ter um rendimento mensal maior nessa atividade que num emprego regular, com salário comprimido pela inflação.

Do ponto de vista da estrutura social, contudo, o retrocesso é evidente. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios divulgada pelo IBGE, em dezembro, revelou que a parcela de trabalhadores empregados na indústria de transformação havia caído de 17,5%, em 1989, para 15,2%, no ano seguinte. O percentual era inferior ao mais baixo verificado na recessão de 1981-83, de 15,8%. No final do ano, surgiram sinais de que mesmo este contingente ligado à economia informal, e quase sempre transformado em massa de manobra das forças mais reacionárias, tendia a voltar-se contra a ordem que o opõe. Na última semana de novembro, os camelôs do centro do Rio de Janeiro promoveram três dias seguidos de protestos e quebra-quebras, quando a polícia tentou impedir os de se reinstalar na Rua Uruguaiana, que havia passado por reformas para que ficasse "livre" do comércio ambulante.

1991

NADA SERÁ COMO ANTES

A GRANDE IDÉIA DE 1991

A história continua

Dois anos depois do anunciado "fim das ideologias", nações e raças renascem



EM SUAS MEMÓRIAS PICANTES, A EX-MINISTRA DÁ DETALHES ÍNTIMOS DE SUA AVENTURA COM BERNARDO CABRAL

Há dois anos, em 1989, quando caiu o Muro de Berlim e um furacão de fúria popular varreu o Leste Europeu, o mundo parecia entrar numa fase nova. Pelo menos é o que anunciam alguns pensadores incensados pela imprensa ocidental, como o funcionário do Departamento de Estado dos EUA, Francis Fukuyama. Ele garantia o fim das ideologias, a derrota do bolchevismo, e o início de um período definitivo da humanidade, além da história, que fora sempre caracterizada por conflitos. "A história acabou" era o título do seu artigo, de enorme repercussão.

Em 1991, Fukuyama esteve no Brasil, a convite dos institutos culturais de grandes empresários. Mas, o sonho de um milênio liberal, plácido e incontestado, já havia se desvanecido. Durante 1991, ele adquiriu, gradualmente, os contornos de um pesadelo, e a nova era que se inicia parece repetir, ameaçadoramente, experiências que a humanidade julgou enterradas sob os escombros da II Guerra Mundial, com o ressurgimento da velhíssima xenofobia nacionalista.

Por outro lado, o liberalismo passou a ser contestado também à esquerda, com grande destaque. O 12º Encontro Continental de Povos Indígenas, ocorrido em outubro na Guatemala, abriu uma campanha cujo título indica o caráter da "comemoração" da "descoberta da América" programada para o ano que vem: "500 anos de resistência indígena e popular".

RAÇA E CULTURA. Uma das redescobertas culturais mais importantes do ano foi a da multiplicidade da herança cultural dos povos da América, contra a idéia dominante de uma cultura ocidental de origem exclusivamente europeia. Nos



COLLOR E ZÉLIA

Dois dos acontecimentos culturais do ano, no campo da baixaria total: o livro com a história de Zélia sobre o seu namoro com Cabral; e a briga de Collor com Rosane (veja na coluna ao lado).

EUA, a revista Time chegou a dizer que a crescente ênfase na herança multicultural exalta o orgulho étnico e cultural às custas da coesão social americana. Outras revistas conservadoras - como Veja, no Brasil, - abriram espaço para a discussão do reconhecimento da contribuição africana para o conhecimento moderno.

No mundo todo, o nacionalismo chauvinista reaparece com força, desde os primeiros conflitos étnicos nas repúblicas soviéticas, passando pela dolorosa implosão da Iugoslávia, e culminando na desagregação do império soviético. O racismo é seu irmão gêmeo. Ele

prolifera pela Europa, traduzindo-se até em video-games neo-nazistas na Áustria, Alemanha, Suécia e outros países europeus (brinquedos ferozes, onde o objetivo dos jogadores é administrar campos de concentração e eliminar judeus, turcos e comunistas). Esse racismo não freqüenta apenas os ghetos. Comparece às páginas dos jornais, na boca de gente como o cineasta Franco Zeffirelli, um dos mais festejados da Itália.

Em entrevista a La Stampa ele garantiu que "não é justo dizer que os árabes são iguais a nós", já que os ocidentais tiveram que aprender a tolerância, os judeus trabalharam e se desenvolveram, "mas os árabes não". O naciona-

TRÊS AVANÇOS TÉCNICOS DO ANO

- Geneterapia, segunda prova. Em 1990, uma criança americana com uma deficiência genética rara e incurável que paralisava seu sistema imunológico, recebeu o primeiro tratamento por geneterapia da história da medicina: foram reintroduzidas em sua veia, cerca de um bilhão de células dela própria, que haviam sido remontadas geneticamente, recebendo o gene de que ela era deficiente. Agora, em função dos bons resultados do ano anterior, médicos da mesma equipe, mais o dr. Steven Rosenberg, um dos nomes mais destacados do mundo na luta contra o câncer, receberam autorização federal para realizar a primeira geneterapia de tratamento de câncer.

- A fusão nuclear, um passo adiante. Por um segundo, no sábado, dia 11 de novembro, cientistas do reator experimental europeu, em Oxfordshire, conseguiram pela primeira vez produzir 1.700 kilowatts de potência, a 200 milhões de graus Celsius - a temperatura interior do sol - pela fusão de núcleos de átomos de tritio e deutério. É um pequeno mas importante passo para se conseguir a energia do futuro, da fusão nuclear.

A fusão, produzida na junção de núcleos de átomos leves como hidrogênio, é limpa e segura; ao contrário da energia atômica atual - que se dá por fissão, quebra de átomos de núcleos grandes como urânia, e que é radioativa e perigosa. Os átomos de deutério e tritio são abundantes na água do mar.

- ATv de alta definição torna-se comercial. No dia 25 de novembro, o Japão lançou-se à frente da indústria de televisão e difusão de imagens, transmitindo para 2 mil aparelhos no país os primeiros programas de HDTV (High Definition Television). Cores muito mais brilhantes, maior contraste, menor interferência e som digital são as vantagens do sistema. As desvantagens: o custo - 35 mil dólares, o aparelho; 155 mil dólares, o video-cassete.



MULTICULTURALISMO
Nas vésperas dos 500 anos da chegada de Colombo, a América descobriu que é indígena e negra. No alto, o grupo baiano Olodum

título de uma série do Wall Street Journal, com repercussão internacional. O artigo mais extraordinário da série foi "Das Kapital - Sua estátua tombou; sua sombra persiste: Marx não pode ser ignorado".

Ali, Henry F. Mayers alinha algumas idéias de Marx que julga atuais, como a denúncia do crescimento das disparidades entre ricos e pobres, a catástrofe ecológica que o desenvolvimento anárquico do capitalismo provocaria, e principalmente, a alienação que a competição selvagem gera, formando indivíduos para quem os únicos interesses são seus próprios ganhos. "Nos recentes escândalos de Wall Street - diz ele - alguns vêm a ganância que Marx descreveu há muito tempo".

O fim das ideologias parece adiado como parecem adiados os sonhos de um mundo de paz que se seguiria à derrubada do Muro e a exploração das Leis do Mercado. A História - e a luta - continua.

SEXO E POLÍTICA



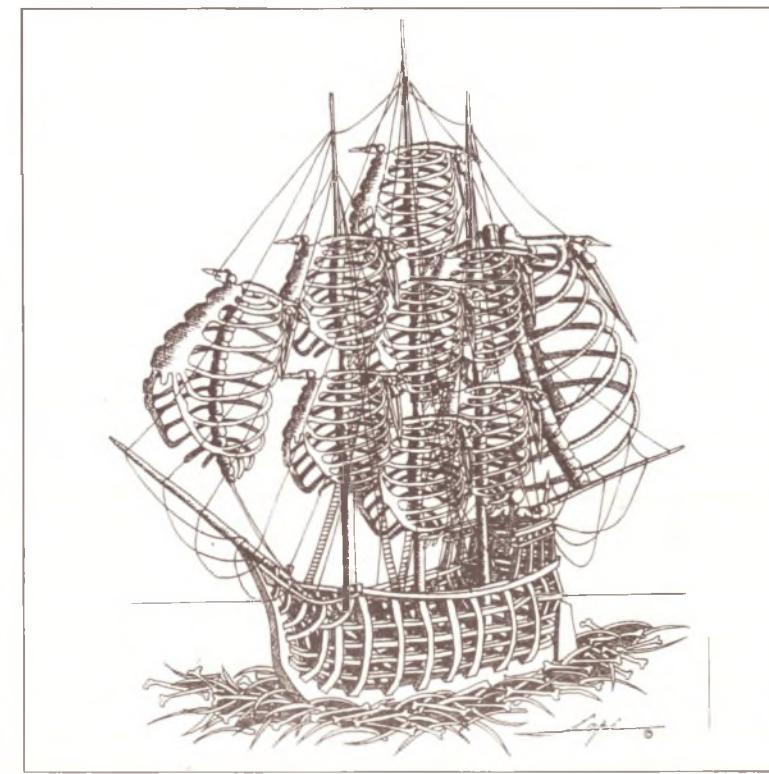
MARIZA

As interessadas nas grandes polêmicas do feminismo que nos perdem. E que em 1991, a baixaria foi total:

- O Globo radical. Em maio começou a novela O Dono do Mundo. O seu autor, Gilberto Braga, achou que estava fazendo um romance revolucionário, "questionando a falta de carinho dos ricos pelos pobres". Depois de pesquisar o assunto - "conversei com Caetano Veloso", disse ele a um crítico - fez a história de Felipe, o cirurgião mau-caráter. Logo de saída, ele pegava uma recém-casada coitadinha (no bom sentido, é claro), e tirava-lhe a virgindade - antes do marido. Os índices de audiência caíram e a Globo mudou o enredo, regenerando o mau-caráter e seu casamento com a ex-coitada.

- Cabral, o machão. Em setembro, a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello publica as memórias de suas relações com o ex-ministro da Justiça Bernardo Cabral. A coitadinha (no bom sentido, é claro), talvez sonhasse em se candidatar - a prefeita, a deputada. Sob a capa de condenar as estripulias econômicas de Zélia, boa parte de nossa grande imprensa, a mesma que apoiou o então milagroso Plano Collor 1, organizou um desfile de machismo. A coroação da campanha foi uma entrevista de Bernardão, o conquistador, na Veja.

- D. Rosane. Dna. Rosane Collor, que se deixou fotografar de saias curtas, com a calcinha aparecendo, viu seu marido retirar a aliança, ostensivamente, e iniciar uma campanha de rompimento público. Posto no gelo, a coitadinha (no bom sentido, é claro), não pode evitar que seus parentes o ameaçam: "Não temos mulheres separadas, temos viúvas". A campanha de Collor contra a presidente da LBA levou-a às lágrimas públicas e à demissão.



LAP



O ACONTECIMENTO DO ANO

O pedido de patente sobre a vida

Os americanos querem uma reserva de mercado para explorar o processo básico da vida



No final de outubro, um leitor distraído poderia achar, por alguns momentos, estar lendo ficção científica nos jornais. Notícias veiculadas em alguns órgãos de imprensa diziam que o NIH (Instituto Nacional de Saúde), do governo dos EUA, havia requisitado em junho a patente de 350 fragmentos do material genético humano, e se preparava para requisitar, ainda, a patente de mais 2.000 fragmentos.

Esses fragmentos fazem parte das moléculas de ADN que formam os 23 pares de cromossomos presentes no núcleo de todas as células humanas. O ADN comanda todas as atividades celulares através da produção de proteínas. Assim, a produção de uma proteína específica, como por exemplo o hormônio insulina, é comandada por um pedaço do ADN, conhecido como gene, onde está inscrito o código genético correspondente.

O pedido de patentes pelo NIH causou grande celeuma. Até agora, cientistas e empresas de biotecnologia haviam patenteado genes cujas funções eram conhecidas, e permitiam a produção de proteínas para usos específicos em medicamentos e em processos industriais. Já os fragmentos de ADN que o NIH quer patentear são cópias de genes, ou partes de genes cuja função nem os cientistas do próprio NIH conhecem.

PRECEDENTE. Enquanto a polêmica ganhava as manchetes, a Systemix Inc. - uma empresa norte-americana de biotecnologia - obteve, em novembro, a patente que cobre uma das principais e mais versáteis células humanas: aquela que dá origem a todas as células do sistema imunológico sanguíneo. A Systemix conseguiu isolar esta célula, que contém informações importantes para o tratamento de certos tipos de câncer, doenças genéticas e deficiências imunológicas. A patente cobre o processo de isolamento da célula, e também sua composição básica. E a presidente da Systemix, Linda Sonntag, anunciou que protegerá a patente "agressivamente". Com os conhecimentos da Systemix já seria possível fazer aplicações desse conhecimento no aperfeiçoamento do transplante da medula óssea, e no tratamento de certas doenças sanguíneas letais. No entanto, a partir de novembro, qualquer cientista ou empresa de biotecnologia que descobrir um remédio ou um processo de tratamento de doenças que envolvam esta célula, pode ter de enfrentar

a Systemix na Justiça, porque a patente é sobre a célula básica.

O governo norte-americano diz que seu objetivo ao solicitar as patentes é proteger e incentivar as pesquisas científicas. Muitos, porém, discordam. O esforço internacional para se conhecer o código genético humano tomou forma e impulso na década de 1970, com o Projeto Genoma, que se propõe identificar de 50.000 a 100.000 genes humanos, descrevê-los, e colocar este conhecimento à disposição da comunidade científica internacional. Em agosto deste ano, 700 renomados cientistas de todo o mundo se reuniram em Londres para trocar informações a respeito dos 600 novos genes localizados e descritos nos últimos dois anos. E um dos temas da conferência foi justamente as dificuldades que os cientistas encontraram para trocar informações sobre suas descobertas.

O ritmo acelerado das pesquisas genéticas tornou obsoleta a tradicional forma de comunicação entre os cientistas através da publicação de artigos em revistas científicas. Uma das sugestões apresentadas na conferência propunha, assim, a formação de uma central de dados computadorizada, onde as descobertas seriam diretamente registradas, e ficariam à disposição da comunidade científica - livremente.

Contudo, se as patentes sobre os conhecimentos obtidos nesse campo da ciência se confirmarem e generalizarem, o objetivo do projeto ficará irremediavelmente comprometido, e a troca de informação científica ficará permeada por interesses comerciais, tornando esse intercâmbio de conhecimento difícil, pois as patentes dirão que aquele conhecimento tem um dono que poderá cobrar por sua utilização.

PRINCÍPIOS ÉTICOS. A comercialização, protegida por patentes - uma autêntica reserva de mercado da vida - do código genético humano é motivo de grande controvérsia. O Comitê de Ética da ciência francesa se posicionou, no início de dezembro, contra a concessão de patentes a partir de dois princípios éticos que considera fundamentais.

O primeiro é o princípio da não comercialização do corpo humano; o outro diz que o conjunto das informações contidas no código genético humano pertence, na

verdade, ao patrimônio comum da humanidade, e não pode ser objeto de monopólio.

Além disso, as legislações que regem a formalização de patentes, apesar de diferentes nos EUA e nos países europeus, apresentam três critérios comuns: a novidade, a inventividade e a aplicação industrial. Sob os dois últimos aspectos, a requisição do NIH não estaria apta a obter a concessão, uma vez que não há nenhum processo novo inventado por seus pesquisadores para a copiagem dos fragmentos e, por não ser conhecida a função desses fragmentos, não há como saber se teriam aplicação industrial. Interesses extracientíficos e anti-éticos parecem assim esconder-se sob a cínica argumentação do NIH, da necessidade de proteger e incentivar a pesquisa tecnológica.

CONCORRÊNCIA. Há anos os norte-americanos vêm sendo ultrapassados, principalmente por industriais e pesquisadores japoneses, na pesquisa tecnológica de ponta, e na produtividade e eficiência de seus processos industriais. A indústria farmacêutica, contudo, parece ainda não ter sido atingida por essa feroz concorrência externa. James Watson, um dos principais biólogos de nosso tempo, detentor de um Nobel, e destaque pesquisador do projeto Genoma, dá uma das pistas que permitem essa conclusão.

Ele diz que o crescimento da participação dos cientistas japoneses foi um importante fator para o explosivo desenvolvimento dos dados genéticos. Há dois anos, Watson criticou os japoneses por sua relutância em unir-se ao esforço internacional para desvendar o genoma. Hoje, porém, pensa "que eles serão sérios contribuintes nesse esforço a partir de agora". James Watson é um sério crítico da concessão de patentes. E, assim, um dos avalistas do esforço para se colocar o conhecimento científico a salvo de mesquinhos interesses comerciais. O objetivo é permitir que o resultado do trabalho científico beneficie todos os homens, e não apenas um punhado de traficantes de conhecimentos sobre a vida.

Este balanço de 1991 foi feito por:

Alcinéia Silva, Andrae Valentim Ramos, Antônio Martins, Fernanda Pereira, José Carlos Ruy, Manoel Fernando Marques da Silva, Raimundo Rodrigues Pereira, Rosane Montiel, Rute Imanish Rodrigues e Verônica Maria Bercht.

A Inglaterra atrapalha

Conflito de interesses impõe ritmo mais lento à unificação econômica e política

Os governantes dos 12 países que formam a Comunidade Econômica Europeia (CEE) estiveram reunidos em dezembro na cidade holandesa de Maastricht, com o objetivo de dar mais um passo rumo à unidade econômica - que a organização vem conseguindo - e tentar superar as velhas dificuldades para a formulação de uma política unitária de defesa e relações exteriores.

A reunião terminou com um compromisso entre os países que defendem uma unificação mais acelerada (Alemanha e França) e a Grã-Bretanha, favorável à manutenção de uma larga autonomia para cada país. O acordo reafirmou o fim de todas as barreiras alfandegárias entre os doze países da CEE (Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal) a partir do próximo ano. Mas cada integrante terá até 1999 para decidir se aceita a unidade monetária.

A CEE foi criada em 1957, depois da reconstrução da Europa ocidental com apoio norte-americano, por meio do Plano Marshall. Inicialmente chama-se Mercado Comum Europeu, e compunha-se de seis países: Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Alemanha, França e Itália, depois admitiu os demais. Desde 1979, quando a conservadora Margaret Thatcher assumiu o poder na Grã-Bretanha, a entidade está polarizada entre a política de aceleração unificada dos franco-alemanes e a resistência britânica.

MEDO INGLÊS. Alemanha e França são duas das economias mais dinâmicas da Europa. Para elas, a unificação permitiria um

salto de qualidade na disputa de novos mercados. Já a economia britânica perde fôlego a cada ano: só em 1991, seu PIB deve cair 2,3%. E o primeiro-ministro conservador John Major teme que os britânicos amarguem prejuízos com a unificação, devido à pequena competitividade econômica.

Como Alemanha e França são os mais fortes candidatos à liderança da Europa unificada, querem dar alguma dimensão

política ao novo bloco. Assim, a Europa Ocidental poderia enfrentar conjuntamente problemas espinhosos, como a imigração do Terceiro Mundo, a eventual invasão de refugiados do Leste europeu, e os efeitos da decomposição da URSS e da Iugoslávia.

Alemães e franceses acreditam ainda que uma Europa politicamente unida teria condições de manter uma respeitosa autonomia em relação aos Estados

Unidos, sem abandonar a OTAN, a aliança militar liderada pelos norte-americanos. O governo britânico resiste à unidade política, preferindo conservar o status de antiga superpotência. Nesse aspecto, John Major conta com o apoio dos Estados Unidos, que não vêem com bons olhos um bloco europeu mais independente.

SEM PRAZOS. A reunião de Maastricht não resolveu essas contradições. É verdade que já se fala em alcançar - um dia - uma política homogênea de defesa em relações internacionais. Mas os prazos são muito menos definidos do que o cronograma da unificação econômica.

Ao que tudo indica, a Europa continuará sendo incapaz de traduzir seu imenso poder econômico em pressão política. E pelo menos por algum tempo, seguirá à margem dos principais acontecimentos da política mundial. É bom lembrar que a "Europa dos 12" não conseguiu elaborar uma política independente durante a crise no Golfo Pérsico.

Enquanto a Grã-Bretanha embargou desde o início na operação dirigida pela Casa Branca contra o Iraque, a França tentava negociar até o último momento um acordo de paz. E a poderosa Europa Ocidental também não teve até agora cative para negociar uma solução no conflito entre sérvios e croatas da ex-Iugoslávia. Diga-se de passagem, bem nas suas barbas.

JAYME BRENER



WALTER ONO

SERÁ O FIM DE GORBA?

A URSS deixou de ser "sujeito de direitos políticos" ou, em outras palavras, com o surgimento da "união eslava", Gorbachev governa sobre o nada. Articulando as duas grandes repúblicas da (agora sim) ex-URSS, o presidente russo Boris Yeltsin conseguiu esvaziar o espaço de governo de Gorbachev, ao retirar-lhe domínio sobre a Rússia, a Ucrânia, a Bielorrússia e o Cazaquistão.

Na realidade, desde o anúncio precipitado por parte do governo norte-americano de que reconheceria a independência da Ucrânia, dias antes da realização do plebiscito que escolheu essa via, viu-se que Gorbachev perdera o apoio externo, o único que o mantiña de pé como alternativa a seu desgaste interno. Yeltsin foi costurando a nova federação, abrigando o que de mais rico e poderoso existia na antiga URSS, até que Gorbachev caiu no vazio.

O Exército vai permanecendo quase como o último resquício do universo soviético, abrigando jovens de distintas nacionalidades, e uma estrutura que se assentava na antiga estrutura burocrática do poder. Yeltsin correu a falar com a alta oficialidade, para oferecer-lhes garantias de continuidade, assim como para reservar um lugar para Gorbachev, mesmo que fosse de rainha da Inglaterra no novo desenho geopolítico assumido pela URSS. O próprio Cazaquistão, aliado de Gorbachev, foi tentado a aderir à nova confederação, sob o risco de ser isolado diante de uma nova potência que surge.

O Ocidente, mais uma vez, depois de ajudar a puxar o tapete de Gorbachev, se assusta com as consequências de que quatro chefes de Estado distintos tenham acesso aos botões das armas nucleares - os presidentes das 4 repúblicas que pretendem se unir. Não entendem como essa força se vincularia ao Exército soviético, e principalmente, com qual interlocutor falar sobre paz e sobre guerra.

EMIR SADER



WALTER ONO

Moeda única para a CEE demora

Inglese têm prazos maiores para aderir à unificação monetária e político-social

A principal iniciativa aprovada na reunião da Comunidade Econômica Europeia (CEE), em Maastricht, foi a criação do ECU, a moeda da Europa Ocidental unida, que passa a valer a partir de 1997. A medida será votada no próximo ano pelos parlamentos dos doze países. Caso seja aprovada, em 1994

começa a funcionar o Instituto Monetário, embrião do futuro Banco Central Europeu.

Decidiu-se ainda que as instâncias da Comunidade Europeia devem definir em 1997 quais os países prontos para a unificação monetária, isto é, que chegaram a níveis aceitáveis de inflação e crescimento econômico. Os países menos desenvolvidos (Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda) vão receber uma ajuda econômica dos primos ricos, para passar na sabatina. E os 12 integrantes da CEE terão até 1º de janeiro de 1999 para decidir se aderem mesmo à moeda e à economia unitária.

BARREIRAS À IMIGRAÇÃO. A reunião de Maastricht resolveu avançar na formulação de uma política continental de legislação social, defesa e relações internacionais. Uma das consequências

imediatas é a constituição de barreiras conjuntas à imigração do Leste Europeu e do Terceiro Mundo. Todo refugiado que tiver seu pedido de asilo político negado por algum país da CEE, não poderá tentar outra vez em um segundo país europeu.

Para que o acordo de Maastricht fosse possível, a Grã-Bretanha ganhou um status especial. A CEE atendeu a um pedido do governo conservador inglês, dando-lhe um prazo longo para optar pela moeda unitária. Os britânicos também terão o direito de manter uma legislação social própria, menos favorável aos sindicatos. Segundo um analista francês, a reunião de Maastricht costurou a Europa dos 12, mas consolidou a "Europa social dos 11", com a Grã-Bretanha de fora.



WALTER ONO



WALTER ONO



SUCESSO RECONHECIDO

Noventa por cento dos alunos da primeira série alfabetizados é o resultado mais visível das modificações implantadas nas escolas municipais de Porto Alegre a partir de 1989, quando a Frente Popular (uma coligação do PT com PCB, e hoje com apoio do PSB) assumiu a administração. A importância do índice se destaca quando se compara com o índice nacional de 1990: 51,23% de reprovação. Contando aí todas as escolas nacionais, inclusive as que atendem alunos de classes médias e altas, onde o índice de aprovação ronda os 90%.

Situadas todas na periferia da capital, as escolas municipais tinham índices de reprovação perto dos 70%, e de evasão semelhantes. A administração anterior, de Alceu Collares do PDT, implantou os CIEMs (que são os Cieps gaúchos), de turno integral, mas não alterou os índices. Quando o governo de Olívio Dutra escolheu Esther Pillar Grossi, secretária de Educação, optou por uma pesquisadora líder de um grupo que estudava novas metodologias de ensino. De cara, ela deparou-se com os CIEMs. Cinco funcionando e outros cinco por abrir. Cada um com 500 alunos em turno integral. O que agradava aos pais destes alunos, mas desagradava aos pais que não conseguiam vagas. Nas reuniões com pais se chegou a um acordo: fim do turno integral em Porto Alegre, com o que dos 18 mil alunos em escolas municipais em 1988, o número saltou para 28 mil em 1989 e termina 1991 com 32 mil.

O segundo ponto foi a implantação do método construtivista, que muda radicalmente o ensino. "O construtivismo sabe que nós erramos, que temos que errar para aprender. E não punir o erro. Isto é revolucionário", resume.

Em 1989, 25% dos professores municipais aplicaram o construtivismo; em 1990 foram 50%, chegando aos 84% em 1991, e projeta-se 100% em 1992.

A Secretaria também criou atividades alternativas: clube da horta (que serve para produzir legumes para as refeições servidas nas escolas, e toda sexta-feira quem participa leva verdura para casa), esporte, cinema, teatro, francês, inglês, espanhol, artes plásticas. Para os 15 melhores alunos de francês, o Consulado da França pagará uma viagem ao país. Há ainda, o turismo escolar.

Estes resultados convenceram a Unicef a indicar Esther Grossi para orientar a implantação deste método no Nordeste brasileiro.

MARCO A. SCHUSTER



CINEMA

Memória em transe

Uma década sem Glauber Rocha, o polêmico diretor de "Deus e o Diabo", mito do cinema novo.

Faz dez anos que ficamos sem Glauber Rocha. E, ainda hoje, é uma das nossas figuras em que se pode meditar, cuja obra não é apenas a de um dos criadores do Cinema Novo, mas um clarão sobre a coisa brasileira. Por exemplo: em plena época de ditadura militar, Glauber sempre se referiu aos chefes do governo brasileiro com um "General Geisel", com um "General Figueiredo", e jamais usou a palavra presidente. Mais que uma ironia, era um ato que exigia coragem, em se considerando que Glauber Rocha foi um artista e um intelectual visado, e até transformado em mito, em plena vida, após o sucesso internacional do seu filme "Deus e o Diabo na Terra do Sol".

Desde que ficamos mais amigos, entre 1966 e 1967, no Rio, o cineasta insistia num ponto: o de que era preciso, era urgente, desenvolver o conhecimento da cultura brasileira em todas as suas raízes; necessário revolver o passado, por mais trabalho que desse. E, depois, sim, partir para um trabalho no presente e sobre o presente. Afinal, não estávamos inaugurando uma cultura e, sim, dando continuidade a ela. Fiel a isso, ele revirou o cinema nacional, e revelou ao Brasil o cinema de Humberto Mauro. Realizou isso num tempo em que se estava tão distante do consumo do nosso produto cultural, aqui no Brasil, que era preciso a gente assistir ao seu "Deus e o Diabo" para que se ouvisse a abertura da "Bachiana número 5" de Heitor Villa-Lobos. E o compositor deixou mais de 2 mil peças musicais.

ANEKI, TABU. Mais tarde, convivi com Glauber de Andrade Rocha num tempo difícil. Ele ficou abalado com a morte de sua

irmã Aneci. Tolerava mal a lembrança, devido não só à sensibilidade fraterna, mas a seu lado místico e afetivo. Frequentávamos, então, um café da Rua México, no centro do Rio, de onde partíamos até a área que se chama capital do cinema do Rio, o miolo dos distribuidores da Rua Álvaro Alvim, na Cinelândia. Ali, naquele café, eu o vi pedir, por favor, a um jornalista, que não trouxesse à nossa conversa o assunto Aneci. E era homem que não evitava temas para se discutir.

Mesmo recém-machucado, ainda assim, o baiano era uma ebullição de idéias, e tinha o poder da iluminação rápida, um poder gerador de energia. Aquela força irrefreável, um jato permanente, um estado de criatividade à flor da pele tão vizinho a uma espécie de delírio. Assim foi quando ele trabalhava num filme que deixou inconcluso chamado "Câncer", um trabalho difícil e de artesanato intrincado. A certa altura, se ouve a voz do próprio Glauber ao fundo:

"Num dia fascinante o câncer estava alucinante."

Enquanto isso, na película, um negro, personagem central de passos cegos na cidade, deixa a Cinelândia, em pleno centro do Rio de Janeiro, e atordoado com o tamanho absurdo de sua miséria e sua falta de direção, tenta ganhar outras ruas do Centro.

DELÍRIO. No caminho que fazíamos entre a Rua México e o coração do cinema no Rio, Glauber



Glauber: permanente ebullição de idéias

Rocha cismou, uma vez, de me cobrar uma posição cinematográfica diante de Lima Barreto. Estavamos na década de setenta, e eu viera de agitar o nome de Lima pela imprensa, e de publicar um livro, espécie de roteiro dos bares freqüentados por Lima Barreto e a exposição de alguns aspectos vivos de sua obra. O livro se intitula: "Calvário e Pores do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto", e Glauber vibrava com a idéia cinematográfica desse roteiro de bares, tipos e situações de e com Lima Barreto. Afinal, o que o cinema fizera sobre Lima, até então, era não só pobre, mas fugia ao espírito, à alma do autor de "Clara dos Anjos". Um exemplo: "Osso, Amor e Papagaio" deformava o tom de Lima Barreto no antológico conto "A Nova Califórnia", uma obra-prima em qualquer literatura do planeta.

O baiano, então, explodia, idealizava e até levitava. Estava no seu elemento, o cinema: e eu, pessoalmente, deveria entrar

pesado naquele mundo. Assim, no café da Rua México eu seria, em projeto, só assessor do argumentista; já na Rua Araújo Porto Alegre, fora elevado à categoria de roteirista; defronte ao Teatro Municipal ele me via de cara mais gorda, maquilado, envelhecido e de carapinha amassada escapando do chapéu, chapéu côco, vivendo o papel principal. Chegávamos ao Amarelinho, o famoso bar da Cinelândia, e eu já estava fazendo quase tudo no filme. Glauber de Andrade Rocha me via enlouquecendo em cenas de morro com sambas de partido-alto. Na Rua Álvaro Alvim, eu já era o próprio diretor do filme.

Aí, eu tentava brecar a levitação de Glauber. E lhe lembrava que sequer sei fotografar. Ora, isso fazia alguma diferença para Glauber Rocha? Ele dizia, firme:

- Você aprende.

Esse, o homem que o Brasil perdeu há dez anos.

JOÃO ANTÔNIO
do Rio de Janeiro

500 ANOS

Cautela e caldo de galinha...

Trombada de Colombo na América causa polêmica nos bastidores diplomáticos

O tema das comemorações da chegada de Colombo à terra americana continua provocando controvérsias nos dois continentes diretamente envolvidos, enquanto os preparativos oficiais para os festejos avançam cautelosamente.

A Espanha vem investindo pesado nas comemorações, colocando a ênfase no acontecimento chave (a chegada) em 1492. Os relatórios diplomáticos, entretanto, enviados ao governo francês pelas suas representações diplomáticas sediadas em países de língua hispânica na América dão conta de que a política oficial na maioria destes é encarar o acontecimento com bastante cautela.

Essa posição não é surpresa, dado que os temas da dizimação dos grupos nativos, da predação colonial de riquezas, e da própria degradação ambiental vêm sendo constantemente agitados nos últimos anos, sem falar no fato de que a colonização da América pela Europa foi a responsável pela maior política escravocrata do mundo (dito) moderno. No Brasil, há uma política oficial de participar das comemorações, mantida sem muito entusiasmo - o que aliás, é característica da política cultural brasileira no exterior, que vai de nula a deficiente.

VISÃO ALTERNATIVA. Na França chegou-se a aventar oficial-

mente uma proposta de organizar uma exposição gigantesca sobre a contribuição das Américas - e em particular da América Latina - para o conceito de modernidade na história da cultura e das idéias, o que significaria uma reviravolta no senso comum, e ao mesmo tempo uma ofensiva diplomática francesa em nome da descolonização dos espíritos. A idéia foi abandonada sob alegações de falta de verbas.

Extra-oficialmente comentava-se nos corredores da política francesa que o verdadeiro motivo da suspensão dessa programação é que ela poderia gerar atritos diplomáticos com o governo espanhol, com efeitos negativos sobre a negociação em

torno da consolidação da comunidade econômica europeia. Entretanto as universidades de todos os países envolvidos vêm preparando uma extensa pauta de debates onde, felizmente, a tendência geral tem sido menos eufórica e mais realista, mudando a ênfase da "caravelada" de 1492 para a avaliação do que foram os 500 anos de colonização e descolonização inacabada. Por seu turno, as entidades de movimentos populares e trabalhadores preparam-se para avaliar os 500 anos de resistência ao processo de exploração iniciada com a viagem de Colombo (ver Brasil Agora nº 3).

FLÁVIO AGUIAR
de algum lugar do Brasil



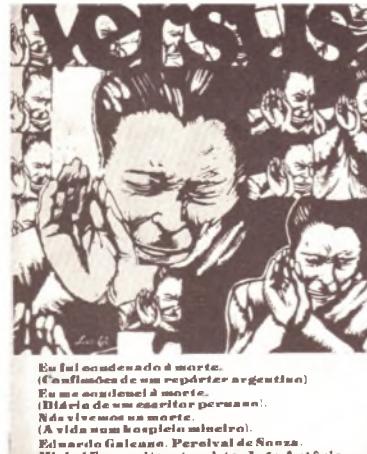
EX (1974)
Imprensa alternativa põe Nixon na cadeia



cooJORNAL (1981)
O jornalismo alternativo em busca da história oculta



REPÓRTER, (1978)
Quando dava, as manchetes punham para quebrar.



Nº 1 DE VERSUS (1975)
A proposta de integração latino-americana.



MARINA

MOBILIZA QUE DÁ

O Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Ceará está à míngua, ameaçado de fechar, graças à política do governo Collor que vem tratando o ensino superior a pão seco e água morna.

Na manhã de 12 de dezembro, o próprio reitor da universidade, num gesto de desânimo ou de rendição à política de Brasília, admitiu nas rádios de Fortaleza que a solução do caso ia passar no mínimo por demissões de pessoal - o que poderia levar até ao fechamento de algumas seções do hospital. No mesmo dia, entidades da sociedade civil, lideradas pela Associação de Docentes da Universidade Federal do Ceará, organizaram manifestação com milhares de pessoas em frente ao hospital, saindo em passeata pelo campus e ruas próximas. Resultado: à tarde o governador do estado Ciro Gomes, do PSD, compareceu ao campus universitário para liberar verbas de emergência para o hospital. Agora, comenta-se que sensibilizar o governo federal, só quando nevar em Fortaleza e der caju na Patagônia.

JORNALISMO

Nos bons tempos da censura

Livro polêmico responsabiliza a própria esquerda pela crise e morte da imprensa alternativa

Mais de um dos antigos colegas do paulista Bernardo Kucinski em redações alternativas ou convencionais, descrevem-no como um jornalista sério, minucioso na exposição das idéias e no uso das palavras. A tese de doutorado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que Kucinski transformou no livro *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*, mantém esse traço essencial do jornalista. Depois da última linha conclui-se, inevitavelmente, que tese de jornalista é matéria.

De fato, nas suas 408 páginas de texto, notas e anexo, *Jornalistas e Revolucionários* transcorre com todos os ingredientes de uma longa, minuciosa e estafante reportagem. Por suas páginas desfilam as histórias quase sempre idênticas das inúmeras tentativas de profissionais brasileiros de manter jornais capazes de sobreviver num mercado modernamente moldado para as grandes empresas de comunicação.

EMOÇÃO CONTIDA. Como a história dessa imprensa nanica sempre esteve ligada aos momentos políticos do golpe de abril de 1964, ela, reportada, se desnuda anárquica e ciclotímica como a própria política nacional. Entre a fundação, o momento de maior importância, e o inevitável racha interno de cada uma das redações, decorrem espaços de tempo e entrechoques ideológicos quase iguais.

Do ponto de vista de quem algum dia acreditou nas possibilidades políticas das esquerdas brasileiras, o livro de Kucinski parece a história de um pesadelo - não importa que a redação em foco se encontre em qualquer das três grandes vertentes alternativas descobertas pelo autor - a existencial, que produziu publicações como *Bondinho* e *Ex*; a de reportagem, que fez o *Coojornal* gaúcho e o carioca *Repórter*; ou a dos revolucionários, sempre ligada a partidos políticos e que publicou os jornais *Opinião*, *Movimento* e *Em Tempo*. Em qualquer dessas vertentes, o nascimento, o brilho e a morte das publicações obedecem a uma espécie de partitura



ra imutável - e o movimento final é sempre um réquiem: uma peça fúnebre.

Para elaborar sua tese, Bernardo Kucinski entrevistou dezenas de jornalistas envolvidos no lançamento, e na penosa manutenção de publicações alternativas. Bem ao seu estilo, e como convém a uma tese universitária, o texto quase não se permite subjetividades, mas não consegue esconder uma certa nostalgia. Por exemplo, fechando a primeira parte da obra (Panorama da Imprensa Alternativa no Brasil), nas páginas 129 e 130, o autor se deixa traer por um discretíssimo "Epítafio". São 26 linhas semelhantes àquelas com que certos diretores de cinema, quando filmam histórias reais, encerram seus filmes. Concebidas como um frio relatório das

MOVIMENTO



CONTRACAPA DE EX, com a legenda de Movimento.
Anúncio de entrevista onde Raimundo Pereira conta a história do racha de Opinião e a formação de Movimento.

atividades de duas dezenas de jornalistas anteriormente dedicados a publicações alternativas, são as 26 linhas mais emocionantes (e emocionadas) de todo o livro.

PÚBLICO ALVO. É provável, diante dessa dose homeopática de emoção, que o livro de Kucinski se destine a um leitorado muito especial. Pessoas, por exemplo, como o senador Fernando Henrique Cardoso, que escreveu para a contracapa um depoimento sobre a importância que os jornais ditos alternativos tiveram, a seu tempo, para pessoas proscritas ou, como ele próprio, exiladas pelo regime militar.

Jornalistas em geral, e principalmente estudantes de jornalismo, serão, seguramente, o público mais assíduo de *Jornalistas e Revolucionários*. E pelo menos para esses especialíssimos leitores serão inevitáveis certas especulações levantadas por este atento necrológio da imprensa nanica dos anos 60 e 70.

Lendo o livro, é impossível deixar-se de imaginar, por exemplo, o que os cartunistas de *O Pasquim* produziam sobre a atuação dos três atores semi-idiotas que a rede americana de tvé CNN mandou para o Oriente Médio, para que eles dissessem a milhões de bovinos postados diante de suas telinhas que o massacre de Bagdá era um "ato cirúrgico", e se transformassem em exemplos de jornalismo moderno!

Como seriam tratados pelo *Coojornal*, ou pelo *Opinião*, os coleguinhas que tratavam os estrangeiros retidos no Iraque como "reféns", repetindo uma cretinice espalhada pela mesma grosseira máquina publicitária, que faz do pobre presidente Bush uma pessoa importante? Quantos escudos-humanos morreram no Iraque? Quantos Saddam Hussein foram depositados pelo lixo inteligente e explosivo jogado sobre as cidades iraquianas?

O que a longa tese-livro de Bernardo Kucinski parece dizer, ele sim num estilo cirúrgico, técnico e só aparentemente desprovido de emoção, é que cada situação política tem a imprensa que merece. E que ela é tão crítica, informativa e importante, quanto são exigentes os seus leitores

importantes os personagens de que deve tratar.

OUTRA IMPRENSA. O cantor espanhol Juan Manoel Serrat, um mestre da contestação, comeceava uma de suas canções dos anos 70 dizendo "Hermano que te vas a California/Uno, dos, uno de PanAm". A Pan American era uma das caras dos Estados Unidos e acabou de falir. A História se auto-demole, e nos ensina que não se podem aceitar os ídolos pelo simples fato de eles estarem na posição de ídolos. A boa imprensa não é uma operação de marketing.

Mas essas não são palavras que se lerão nos grandes jornais - nem aqueles que foram sustentados pela PanAm, nem os que obedecem ao mau senso acomodado do jornalismo atualmente vigente.

Tudo isso, se nos desanima um pouco, também nos atrai para o livro de Bernardo Kucinski. Talvez ao fim daquelas 408 páginas, na maioria das vezes instigantes, muita gente conclua que uma boa alternativa para a informação pode voltar a ser, ainda, a imprensa alternativa.

ROBERTO LATTUADA

JORNALISTAS E REVOLUCIONÁRIOS: NOS TEMPOS DA IMPRENSA ALTERNATIVA
SCRITA EDITORIAL, 408 PÁGINAS, Cr\$ 23.770

LAGO BOM É LAGO LIMPO

A prefeitura de São Paulo começou o trabalho de dragagem e limpeza dos lagos do Parque Ibirapuera. A prefeitura ficará encarregada da primeira fase da limpeza, que é a de dragagem para retirada de detritos e lodo. Só de um deles vão sair 15 mil metros cúbicos de sujeira. Esta primeira fase custará 300 milhões de cruzeiros. A segunda fase, de execução gratuita pela iniciativa privada, prevê a manutenção do nível de qualidade dos lagos. Três métodos estão em estudo: oxigenação da água por estação de bombeamento; tratamento preventivo das águas do córrego do Sapateiro, que aflui para os lagos; tratamento biológico através de bactérias que agiriam sobre o lodo que se forma no fundo.

ASSINE JÁ AGORA ASSINE JÁ

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado a João Machado Borges Neto, Alameda Glete, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Brasil. Fones (011) 220.7198, 222.6318 e 220.7718

NOME _____

END. _____ Nº _____ APTO. _____

MUNICÍPIO _____

FONE _____ UF _____ CEP _____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 12.000,00
- Assinatura para o exterior US\$ 80,00
- Assinatura de apoio Cr\$ 18.000,00
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 25.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 40.000,00

Um bispo de briga

O senhor é comunista?

Eu sou socialista. Evidentemente não sou liberal e acredito no socialismo que seja realmente socialização da terra, da saúde, da moradia, da educação, e que possibilite a participação do povo.

Evidentemente que não vou aceitar o socialismo ditatorial, que não saiba respeitar as diferentes etnias e culturas.

Em qual parte do mundo o socialismo democrático pode surgir?

A palavra socialismo democrático é meio perigosa. Não vamos cair numa social-democracia, que não é socialismo nem é democracia. Eu não tenho a fórmula. Evidente que o ideal da sociedade humana é uma certa igualdade. Inclusive a partir de minha fé cristã, eu acredito que Deus nos fez iguais em dignidade, assim como fez todos os povos. Um socialismo que poderá parecer mais utópico é o ideal humano e o ideal cristão.

A América Latina está vivendo um de seus piores momentos. O Senhor acredita que ainda há fôlego para reverter a situação?

Os indígenas do continente realizaram recentemente a campanha continental dos 500 anos de resistência. E vêm resistindo esses 500 anos. Eu acredito na resistência do povo. Eu acredito que, apesar dos pesares, têm crescido a consciência e a participação do povo. Uns anos atrás não poderíamos imaginar certos partidos populares neste continente. Na América Central, onde fui após a derrota do Lula, muitas vezes me diziam: "Pedro, isso é uma vitória. Vocês reclamam lá no Brasil que um operário metalúrgico quase ganhou as eleições para presidente. Isso é uma vitória latino-americana". Talvez não tenhamos valorizado bastante o significado desses 31 milhões de votos que Lula recebeu.

Tenho plena convicção de que a história não se repete, e o que já caminhamos é irreversível. Nenhum Somoza e nenhum Batista poderão mais acontecer na Nicarágua ou em Cuba. E as oligarquias de Centro América, e desse continente todo, e inclusive os exércitos, não poderão acontecer mais. O povo avança.

Como o senhor vê o caso do Haiti, onde um golpe militar derribou o presidente Jean Bertrand Aristide, eleito pelo povo?

É evidente que as oligarqui-

O Candidato ao Prêmio Nobel da Paz,

o bispo de São Félix do Araguaia,

Pedro Casaldáliga, 63 anos, acha que o Prêmio Nobel de briga lhe cairia melhor.

Nesta entrevista a Lucas Figueiredo e Hamilton Reis, ele guarda suas piores palavras para o FMI ("os novos piratas") e para o "Império" (os EUA). E, confiante, diz que o "povo avança".



Casaldáliga: nem comunista, nem ex-membro da Opus Dei.

"Eu acho que devemos continuar acreditando na revolução"

as e o "Império" não poderiam tolerar que um padre da Teologia da Libertação ganhasse uma eleição presidencial com 70% dos votos. Agora o governo dos Estados Unidos "protesta" contra o golpe militar. Mas nem os Estados Unidos, a OEA (Organização dos Estados Americanos) e os governos do mundo fazem muita coisa para que de fato Aristides possa voltar. Mais ainda, comentários de analistas políticos são de que estão se dando conchavos para um "retorno" da democracia, mas Aristide ficando fora.

O Brasil acaba de fechar a carta de intenções com o FMI,

que prevê um sufoco absoluto para 1992. Como o senhor vê o problema da dívida externa?

Um encontro de Igrejas Cristãs, estando presente a Igreja Católica também, no início do ano passado, lançou um documento declarando explicitamente que a dívida externa não pode e nem deve ser paga. E o próprio Papa João Paulo II falou aos bispos em Natal (RN), num encontro privativo, que a dívida externa não pode ser paga às custas da fome e da miséria do povo. Eu aceito que se fale em pagar a dívida de 500 anos: que devolvam nosso ouro, nossa prata, nossas matérias-primas, que nos devolvam nossos 90 milhões de massacra-

dos, indígenas e negros. Quem manda no Brasil hoje é o FMI. E também na América Latina, e em todo o Terceiro Mundo. As palavras que correm de boca em boca, nos jornais, na televisão, nas análises políticas, são as mesmas que correm na América Central: inflação, privatização, desemprego, depauperação, violência. Enquanto nós continuarmos sob o regime do FMI, nossas economias e nossas vidas sociais não têm saída, não têm futuro.

Qual seria a importância de a América Latina receber um prêmio Nobel da Paz representado pelo senhor?

Quando me falaram na proposta pensei que fosse piada. A mim não me dar o prêmio Nobel da briga. Aceitei porque os colegas do continente e da Europa disseram que valia a pena aproveitar a chance para espalhar as causas pelas quais a gente vive. Evidente que a América Latina merece o prêmio Nobel da Paz. Só que seria muito pouco.

Qual a saída para a América Latina? O processo revolucionário fracassou inclusive na Nicarágua, onde os sandinistas perderam as eleições.

Eu acho que devemos continuar acreditando na revolução, como um reverter das estruturas de privilégios, de prepotência, de marginalidade. Eu acredito que a saída deva ser a organização popular, de relativização de mediações, que às vezes absolutizamos demais. O partido não é "a palavra". O sindicato não é "a palavra". Acho que há várias palavras, e que a esquerda tem que aprender a superar essas brigas internas que acabam sempre dando a vitória à direita.

O movimento dos Sem-Terra é uma prova de resistência?

É bom lembrar que o Movimento dos Sem-Terra e a CPT ganharam o Nobel da Paz alternativo este ano. Eu tenho muito relacionamento e carinho pelos sem-terra. É bom lembrar que é um movimento de ponta, de área de fronteira, de situação de conflito, e às vezes não dá para afinar tanto. Certas conquistas só se deram porque houve ocupação e resistência. Nos Estados do Sul, tem sido, em grande parte, o Movimento dos Sem-Terra que provocou uma nova consciência da problemática da terra. E em grande parte é a única reforma agrária que se faz por aí. O povo faz a reforma agrária, junto ao Movimento Sem-Terra, a CPT e certos sindicatos legítimos, e outras forças que vão mobilizando o homem e a mulher no campo.

Como o senhor vê 1992 no Brasil?

No Brasil e na América Latina, 1992 poderá ser ou um festival imposto e sem graça, o carnaval com fome, ou poderá ser uma ocasião de uma retomada de consciência, autodescobrimento de inter-solidariedade. Nós devemos procurar ser capazes de dar um grito alternativo.

Qual seria o melhor presente para o Brasil e a América Latina?

O fim da "democradura"!!



**BRASIL
AGORA**

